

SOBREPOSIÇÕES DO
TEMPO EM SINES

LAYERS OF TIME
IN SINES

SOBREPOSIÇÕES DO
TEMPO EM SINES

LAYERS OF TIME
IN SINES

BEATRIZ GOMES PEDRO DE OLIVEIRA MORGADO

Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura
Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitectura

Arq^a Inês Lobo
Arq^o Joaquim Moreno

Abril 2018

A presente dissertação pretende refletir sobre os elementos que compõe este território e que marcam um ritmo ao longo de uma linha temporal, desencadeando a narrativa histórica. É esta história que se torna o meio a partir do qual o homem pode investigar, não só os aspetos visíveis da paisagem envolvente, mas, especialmente, aqueles que se encontram implícitos no meio que o rodeia.

Deste modo, partindo do pressuposto que a principal riqueza e potencial de desenvolvimento desta área reside no despertar de uma componente Humana, propõe-se a criação de um projeto museológico que para além de devolver o património, vise também promover a sua integração no contexto urbano. Para que tal seja possível, devemos partir do princípio de que o passado não representa um momento estático na história, devendo ser encarado como um vestígio que o Homem deixou no território e que vai potenciar uma relação entre o passado e o presente.

O projeto tem como objetivo explicar e compreender a génese industrial da cidade de Sines que constitui uma peça fundamental da morfologia urbana em que está inserida. Tendo em conta a relação da cidade com a indústria, a ruína e o território, desenvolve-se um espaço que para além de produzir novas interações produza uma arquitetura de sentido afirmativo, quer na leitura da sua relação com o meio envolvente, quer quanto à sua natureza tipológica enquanto massa física, não permitindo ambiguidades quanto à sua localização.

A estrutura do trabalho teórico tem por finalidade uma leitura contínua que vai revelar o objetivo final do projeto, utilizando reflexões de vários autores, contextualizadas de forma a sustentarem a presente dissertação, apostando numa continuidade ideológica.

This dissertation aims to reflect upon the elements that constitute this territory and that mark a rhythm along a time line, triggering a historical narrative. This reflection will be the starting point that will allow to investigate, not only the visible aspects that surround the landscape, but especially those that are implicit in the environment that surrounds it.

Therefore, based on the assumption that the main wealth and development potential of a territory resides in the awakening of a Human component, proposing the creation of a museological project that in addition to returning the heritage to the community, will also integrate it in an urban context. In order for this to be possible, we must assume that the past does not represent a static moment in history, therefore it should be regarded as a remnant that the man left in the territory and that will foster a relationship between the past and the present.

The project aims to explain and understand the industrial genesis of the city of Sines that constitute an important piece of the urban morphology in which it's inserted. Considering a relation between the city and the industry, the ruin and the territory, a space is developed, that in addition to create new interactions produces an architecture of affirmative sense, whether in the relation to the surrounding environment or in its typological nature as a physical mass, not allowing ambiguities as to its location.

The structure of the theoretical work aims for a continuous reading that will reveal the final objective of the project, using reflections of several authors, contextualized in order to sustain the present dissertation, betting on an ideological continuity.

003	RESUMO
012	ABSTRACT
	I
014	IDENTIDADE FRAGMENTADA
	II
016	OBSOLESCÊNCIA PRODUTIVA
016	A INDÚSTRIA LÍTICA
016	A INDÚSTRIA CONSERVEIRA NA ÉPOCA ROMANA
016	A INDÚSTRIA CORTICEIRA E A VIA-FÉRREA DO VALE DO SADO
016	A INDÚSTRIA DO MAR E O PORTO DE SINES
016	REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E PÓLOS DE CRESCIMENTO
	III
016	O VALOR DA RUÍNA
016	O VALOR DA MEMÓRIA COLETIVA
	IV
016	MUSEU DISSIMINADO
016	NÚCLEO PRINCIPAL DO MUSEU DISSEMINADO
012	CONCLUSÃO
012	ÍNDICE DE FIGURAS
012	BIBLIOGRAFIA

Al Berto, *Trabalhos do Olhar*, p.00

*“Chegaram as máquinas para talhar a cidade que vem/ das águas cresce a obra
do homem, ouve-se um lento grito d’espuma e suor/ na memória ficaram os sinais
dos bosques ceifados, as dunas desfeitas e algumas casas abandonadas/ esten-
deram-se tubos prateados, onde escorre o negro líquido/ levantaram-se imensas
chaminés, serpenteiam autoestradas na paisagem irreconhecível do teu rosto.”*





A identidade é um tema que faz parte da definição de todos os indivíduos, os quais se diferenciam uns dos outros através do seu carácter único, criado por um conjunto de características distintas. Também os espaços e as cidades se caracterizam pela sua identidade própria criada pela história, memória, preservação e conservação.

Nos últimos cinquenta anos, as pesquisas que se têm desenvolvido sobre as cidades dão cada vez mais importância às suas características históricas, geográficas e culturais. Este pensamento vem contradizer o Movimento Moderno Internacional que defendia a não correlação entre a cidade e estes seus elementos.

Assim, a memória de um lugar passa a ser entendida como a forma de identidade desse lugar.

Este conceito tem vindo a ser defendido por muitos pensadores, entre os quais se destaca Walter Benjamin que através do seu célebre ensaio “Sobre Alguns Temas em

Baudelaire” e da sua reflexão sobre o tópico da memória do individuo urbano a partir da noção de memória involuntária, procuraram explorar novas perspetivas sobre a cidade moderna. Para o autor os conteúdos da memória individual não se cruzam com os da memória coletiva, pois o passado não está presente na tradição, mas sim no espaço de vivência da metrópole contemporânea, seja na forma de objetos, fotografias, ruas, etc. Deste modo, se por um lado a cidade e os subúrbios concentram cada vez mais pessoas num determinado espaço, por outro, a capacidade de inserir uma tradição cultural capaz de criar uma continuidade histórica, é cada vez mais difícil. Por isso Walter Benjamin fala na homogeneidade do culto como o elemento agregador de uma linha histórica que tem tendência a desvanecer-se.

No geral, a memória individual sobrepõe-se à memória coletiva e está intimamente relacionada com o espaço em que se desenvolve: a cidade contemporânea ocidental. Existe

assim uma íntima relação entre a memória, a cidade e a história. Podemos concluir que a cidade e a arquitetura constituem o cenário das nossas lembranças, na medida em que contam as histórias daquilo que vivemos, porque é através da sua interpretação no espaço que construímos a nossa realidade.

Consequentemente, um dos aspetos fundamentais da vida na cidade é o conjunto de recordações que dela emergem, a chamada memória urbana, que ao mesmo tempo que marca a nossa brevidade na história, proporcionando-nos também a possibilidade de transcendermos a nossa própria temporalidade.

Esta dimensão da cidade confere a alguns espaços físicos a capacidade de serem autónomos relativamente ao presente. São lugares capazes de despertar afetividade nos habitantes da cidade e de expressarem claramente as relações com o todo, de transmitirem o passado e perpetuar o presente. Segundo Walter Benjamin, nestes espaços



3. Portugal, 2005. Fotografia de Josef Koudelka.



4. 5. 6. Portugal, 2004/2005, Fotografia de Josef Koudelka.

que denomina de espaços síntese, o presente possui uma reserva de passados intactos que podem ser resgarados pelo historiador para deles extrair o genuinamente novo.

Assim sendo, cabe a cada presente resgatar o passado, evitando o esquecimento e revelando os diferentes futuros que nele se escondem. Neste contexto o passado, ao ser extraído da continuidade histórica, torna possível a leitura de um todo. Benjamin reforça esta ideia quando, referindo-se às passagens de Paris, fala de “um fragmento do real que abre a via a uma interpretação completa de um todo”¹.

Numa diferente perspectiva, o livro “A poética do espaço” de Gaston Bachelard, configura-se como um tratado poético sobre as imagens desencadeadas a partir de diferentes espaços. Para o autor estas imagens emergem do “fundo poético do espaço casa”², sendo que é a partir dele que se vai chegar a uma fenomenologia da imaginação, ou seja conhecer a imagem na sua origem, essência

e pureza. Mas para Bachelard “todo o espaço habitado traz a essência da noção de casa”³, permitindo que pensamentos e experiências marquem o ser humano, provocando uma ligação afetiva através da memória, solidificando imagens e identidades. Deste modo, a lembrança vai atribuir ao espaço a condição de âncora da memória, despertando um sentido de valorização urbana, de uma determinada sociedade ou indivíduo.

Mais recentemente, Marc Augé, em oposição ao conceito de lugar associado à tradição antropológica de uma cultura localizada no tempo e no espaço, emprega a ideia de não-lugares. Estes são espaços desprovidos de identidade e história, espaços de anonimato, resultantes de um processo a que o autor chama se supermodernidade. Este conceito distingue-se pelas “figuras de excesso”, ou seja, pela superabundância espacial e a individualização de referências. Neste sentido, constituem-se espaços descaracterizados, sem identidade própria,

¹para Walter Benjamin a passagem surge como “o embrião da modernidade” - sintetizando a cidade de Paris do século XIX. Do mesmo modo que Paris reflete a modernidade oitocentista.

Sérgio Paulo Rouanet, As Passagens de Paris, 1987, p.52.

² Gaston Bachelard, A Poética do Espaço, 1993, p.24,25.

³ Gaston Bachelard, A Poética do Espaço, 1993, p.112.

dado que se perdeu a evolução criada ao longo da história e se geram lugares que não provêm das vivências dos seus habitantes.

A herança do Movimento Moderno na arquitetura é marcada por intervenções de características homogéneas que repelem qualquer perspetiva histórica, sendo que a própria definição de modernismo pressupõe um conflito permanente com o passado. O “Plan Voisin de Paris” da autoria de Le Corbusier, é um dos exemplos mais radicais de negação de uma tipologia urbana pré-existente, numa clara manifestação de rutura com a cidade tradicional.

Por outro lado, em contraposição à perspetiva modernista surge nos anos 50 na Europa, uma série de propostas contra a paisagem funcionalista e os espaços desérticos, revalorizando os elementos tradicionais e vernaculares da cidade. Esta rotura com o racionalismo funcionalista ficou marcada pela carta de Atenas elaborada pelo primeiro Congresso Internacional de Arquitetos e

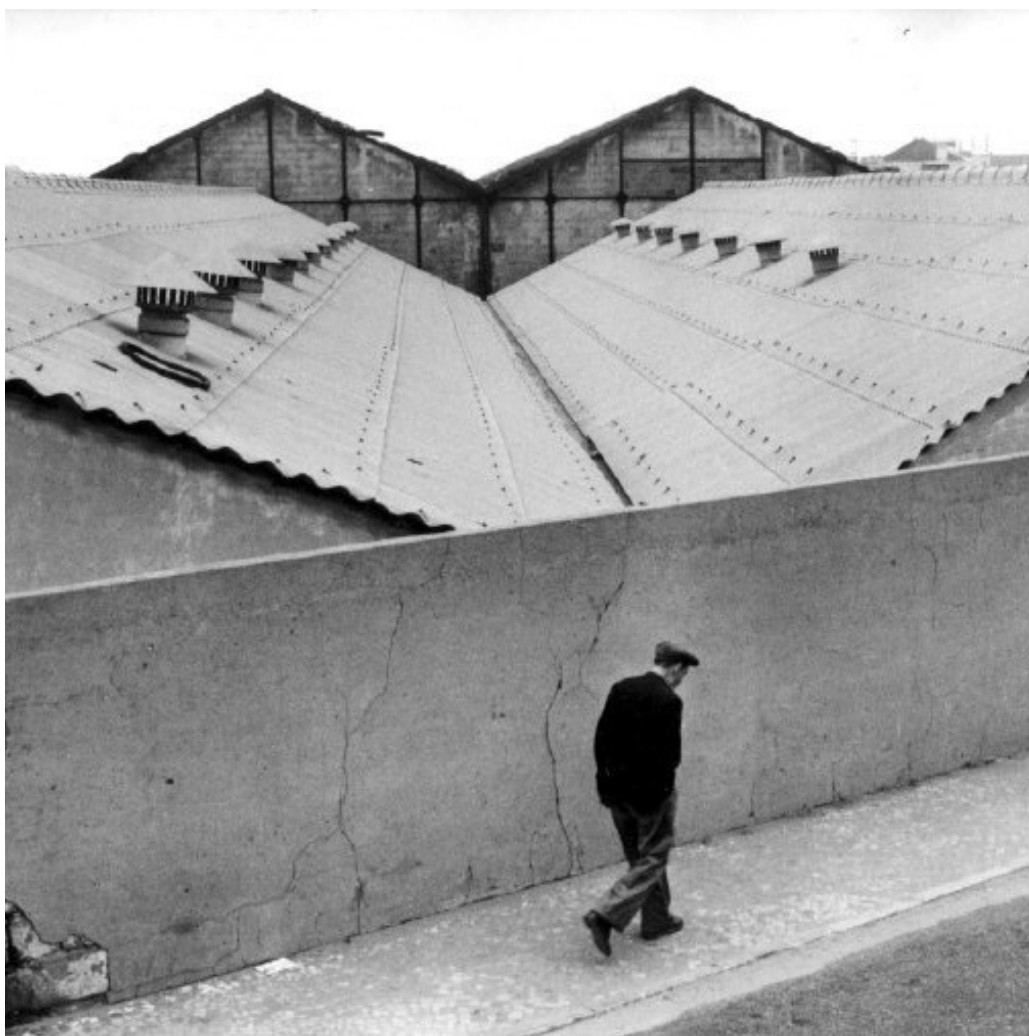
Técnicos de Monumentos Históricos em 1931.

Mais tarde, em 1953 numa edição posterior deste mesmo congresso realizada em França, manifestou-se uma preocupação com a questão da identidade dos espaços da cidade. Foi então que em meados dessa década, se origina uma revisão das doutrinas defendidas pelo Movimento Moderno Internacional, de onde surge um novo respeito pela redescoberta dos símbolos culturais no ambiente construído. Aqui se destaca o interesse pelo simbólico e arquétipo, fundamentais para a memória coletiva e subjetiva, bem como para a preservação de lugares considerados significativos.

No clássico de Jane Jacobs, “A Morte e Vida das Grandes Cidades Norte-americanas” é questionado o desenvolvimento do planeamento urbano nas cidades. Para a autora o urbanismo modernista produzia espaços urbanos fisicamente limpos, mas socialmente e espiritualmente mortos. Deste modo, afirma que o planeamento racional da vida urbana



7. 8. 9. Portugal, 2004/2005, Fotografia de Josef Koudelka.



10. Portugal, 1975, Fotografias de Jean Gaumy da zona idustrial do Barreiro.

tem efeitos destrutivos sobre uma comunidade e defende que a única solução é a preservação dos espaços urbanos, bem como das relações entre a comunidade como forma de alcançar um sentido de lugar.

O trabalho de Jacobs inspirou um movimento global pela preservação urbana. Foi neste âmbito que em 1969, apareceu um plano de preservação e reabilitação do centro histórico de Bolonha, o qual é caracterizado como um ponto marcante na história. Aqui nasce uma nova visão do urbanismo, valorizando os centros históricos e a sua integração na cidade contemporânea. Esta estratégia teve como objetivo conservar a integridade física do núcleo histórico, valorizando as condições de vida das populações locais, tendo em conta uma política do património que garantiu a integração da cidade histórica na cidade contemporânea.

A partir dos anos 70, a urgência de inverter a tendência de abandono dos núcleos históricos, aliado a uma perda de identidade

cultural e a uma descaracterização do ambiente urbano provocado pelos regulamentos redutivos de uma arquitetura contemporânea, tornaram-se uma preocupação crescente. Contrariamente à uniformização, emerge um interesse renovado pelos estilos históricos, pela diversidade das subculturas urbanas e pelo alcance de um sentido de lugar. Assim, em oposição à visão globalizante e unificadora da vanguarda modernista passam-se então a criar novos códigos que visam a valorização urbana.

Por outro lado, foi também nos anos 70 com a crise energética que surgiram os primeiros alertas para a finitude dos recursos naturais e para a necessidade de os gerir de forma mais eficaz. É neste sentido que impera o reaproveitamento e a proteção dos centros históricos, que assenta no princípio de máxima eficiência no aproveitamento de recursos e do desperdício zero.

Deste modo, uma visão inicial baseada no princípio de preservação dos núcleos

históricos evoluiu para uma ótica mais dinâmica, orientada por objetivos de valorização dos centros históricos, visando a sua integração na cidade contemporânea e melhorando o ordenamento do território. Neste sentido, o património cultural e natural teve de ser considerado não como um travão ao desenvolvimento, mas como um fator determinante do mesmo.

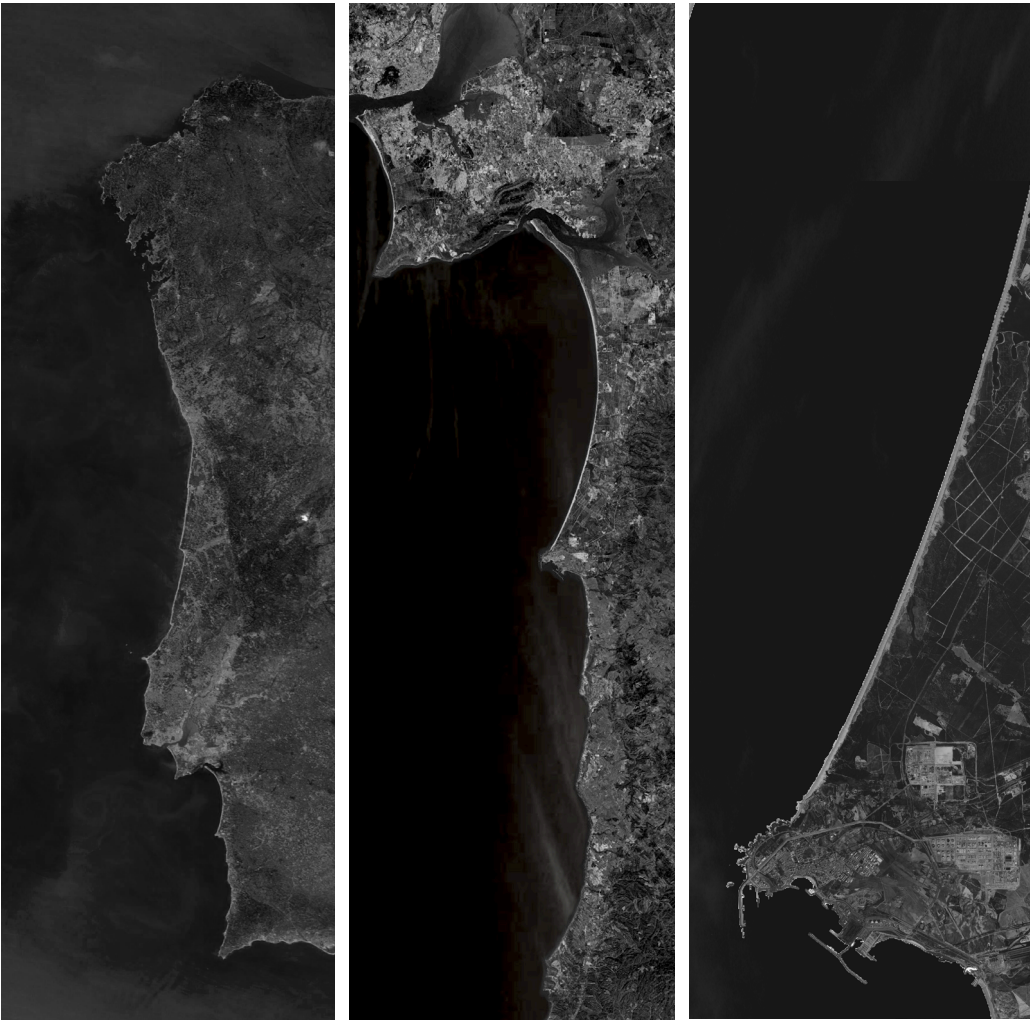
A obra de Aldo Rossi “A Arquitetura da Cidade” constitui um marco fundamental da arquitetura pós-modernista, onde é apresentada uma teoria geral da cidade, fundamentada na sua análise histórica. Em contraposição ao urbanismo “arrasa-quarteirão”, surge a ideia de *genius loci* para definir um conceito teórico-filosófico que se refere a uma abordagem fenomenológica do ambiente, bem como a interação entre o lugar e a identidade. Consequentemente, a preservação histórica passa a ocupar um papel fundamental na revitalização dos centros urbanos por todo o mundo. Assim, o destaque

dos projetos urbanos centra-se agora na preservação das características no contexto histórico e cultural do lugar através da renovação e revitalização dos espaços urbanos pré-existentes.

O conhecimento da evolução das teorias do urbanismo e da arquitetura, tornam-se fundamentais para a compreensão do território em análise, cidade de Sines, uma vez que traduzem as condicionantes e motivações que levaram à ocupação do território e que refletem a progressiva transformação dos modelos produtivos. Mas também visam explicitar a abordagem do projeto proposto enquanto projeto integrador da realidade histórica, criando caminhos de ligação entre o passado, o presente e o futuro.

Num primeiro momento existiam apenas espaços naturais, rurais e pequenos aglomerados urbanos que apesar dos limites mal definidos, constituíam um impulsionador do desenvolvimento urbano. O desenvolvimento portuário e industrial aliado a uma expansão





12, 13 14. Localização Geográfica de cidade de Sines.

da estrutura florestal, estabeleceram novas motivações para o crescimento urbano e criaram os agentes determinantes para a sua evolução.

A morfologia deste território é um reflexo das suas condições geográficas, físicas e estruturais que se impõem ao seu desenvolvimento, definindo uma estrutura de parcelamento e os seus principais eixos, como formas de expansão urbana. Deste modo, até à instalação do complexo industrial de Sines, a estrutura urbana era aqui caracterizada pela relação do território com o oceano, bem como do aproveitamento das áreas produtivas e as suas necessidades defensivas.

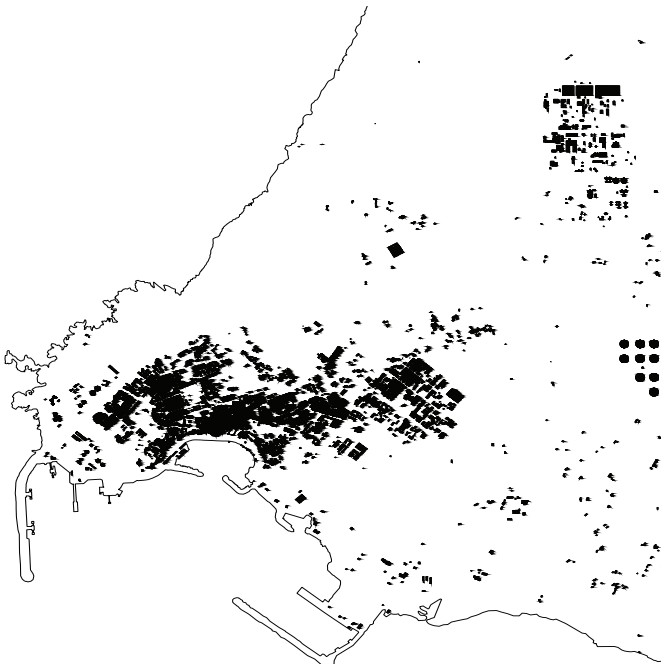
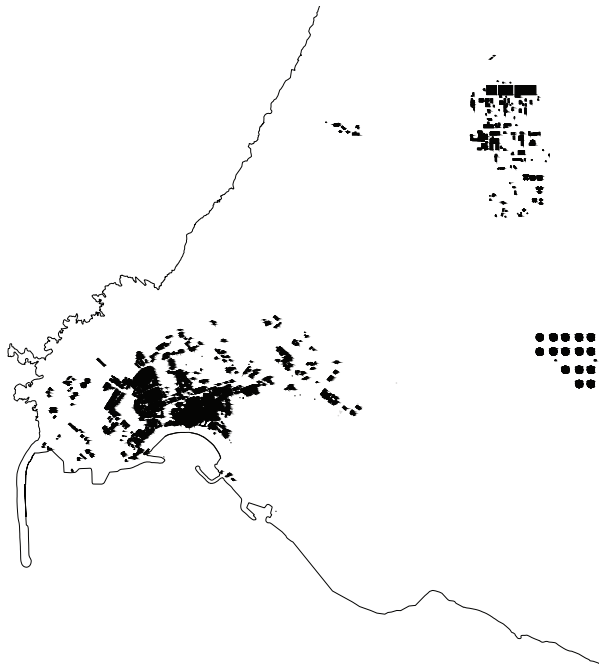
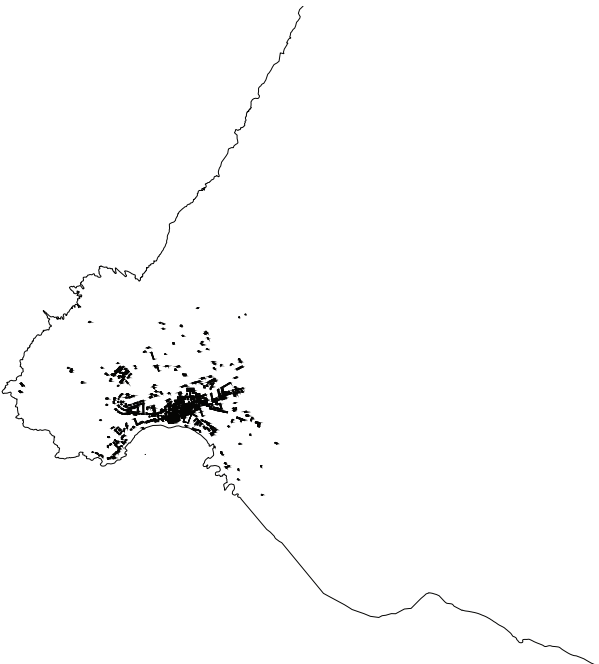
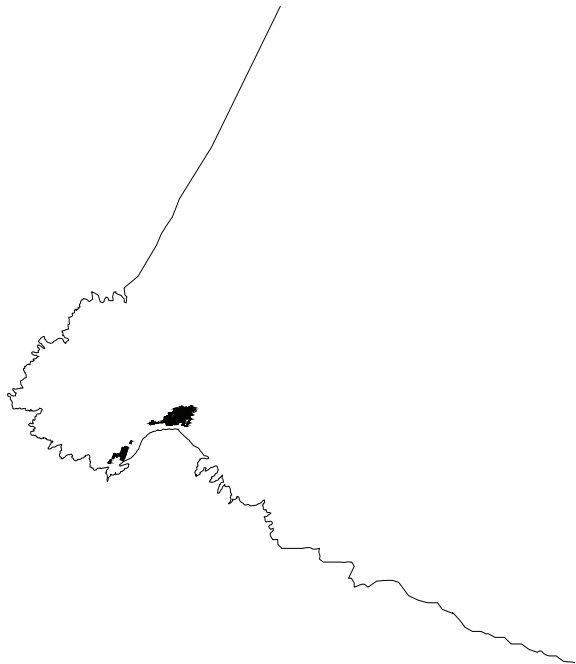
Este território beneficia das condições de excelência de um Portugal atlântico por posição, mas mediterrânico por natureza³. Localizado geograficamente a sul do país, na zona limítrofe sul da região natural do rio Sado, esta península é delimitada a Oeste pelo Atlântico, onde subsiste o contraste das enseadas acidentadas na zona norte com as

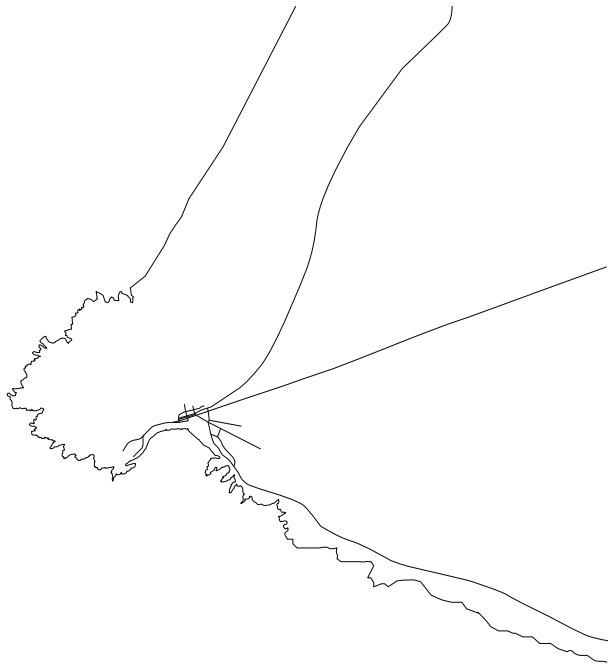
baías e praias de extenso areal na zona sul.

Constata-se que tem características de relevo pouco acidentado, embora se apresente a Este a serra do Cercal⁴, sendo fundamental para a definição das suas características territoriais, o facto de estar integrada na bacia hidrográfica do Sado. O território apresenta-se assim sulcado por rios, ribeiros, afluentes e lagoas, sendo de destacar pela sua dimensão a lagoa de Santo André, o que lhe confere condições importantes para o desenvolvimento de algumas espécies tanto de flora como de fauna.

No entanto, apesar das boas condições climáticas e hidrográficas, a sua constituição arenosa aliada a fatores endógenos e exógenos foram responsáveis pelo fraco desenvolvimento urbano até à década de 70, verificando-se nos anos subsequentes uma evolução acelerada que criou ruturas importantes no desenvolvimento urbano deste território.

O projeto surge assim, como reação a uma despersonalização da cidade criada pelo





19 20 21 22 Referência - Evolução de Sines
planta 1:50000

1790



1953



1988



2005

aparecimento do complexo industrial dos anos 70 na cidade de Sines. Os reflexos urbanos provenientes de uma nova relação entre um determinado espaço e uma componente económica e industrial, produziram configurações descontinuas no território. Estes espaços estratégicos estão mais voltados para a potencialização dos fluxos do que para a melhoria das condições locais, privilegiando o sincronismo entre as unidades produtivas, ao invés da espacialidade produzida por este território.

Esta informação, aliada à ausência de uma linearidade na ocupação do espaço, reflete um descompromisso destes equipamentos em estabelecer uma relação entre estes e a ocupação quotidiana deste território. Verifica-se ainda, uma sobreposição de escalas num mesmo espaço, criando um contraste entre os espaços desta comunidade e os reflexos de uma produção industrial sem parâmetros ou limites precisos, transformando Sines num território que não é rural nem urbano.

Consequentemente, a partir dos finais da década de noventa, assistiu-se a um processo de crescimento difuso, evidenciando uma dissolução dos limites urbanos. Presenciou-se um processo de transformação nas bases económicas e produtivas que estão relacionadas com o aparecimento do complexo industrial. No entanto, as áreas tradicionalmente industriais (anteriores aos anos 70) e portuárias foram-se degradando, acabando muitas delas por se tornar obsoletas.

Deste modo, é importante construir uma argumentação que seja capaz de consolidar e unificar a relação entre a cidade de Sines e as arquiteturas que a constituem. Para compreendermos esta cidade, não podemos ver apenas este espaço urbano como uma determinação topográfica, histórica e social, mas como consequência de um projeto coletivo fruto de um individualismo e fragmentação que parecem coabitar.

Assim na cidade de Sines parecem conviver um espaço de impulsionamento



23 24 25 Portugal, 2005, Fotografia de Josef Koudelka. Estas fotografias expressão a maneira como o Homem e a Indústria influenciam a paisagem contemporânea de Sines.



26 Fotografia do Centro de Artes da cidade de Sines.

socio-económico e um espaço da fragmentação e do não lugar.

Conclui-se que a conservação dos conjuntos históricos é de extrema relevância para preservar a dimensão cultural e identitária desta população, através da salvaguarda destes testemunhos e da sua integração na cidade contemporânea. Assim, cabe a este projeto dar forma aos lugares, dotando-os de uma flexibilidade e fluidez capaz de se moldar às exigências de um espaço dinâmico, em constante mutação, onde o espaço público será o elemento agregador de um percurso que irá atravessar a cidade de Sines.



● PALEOLÍTICO

Remontam ao Paleolítico Inferior (500 000 anos a 100 000 anos atrás) os vestígios das primeiras sociedades humanas baseadas na caça e na recolha de alimentos, encontrados no atual concelho de Sines. Trata-se de vestígios de ocupações temporárias, de grupos nómadas sem organização espacial, em locais caracterizados por depósitos de cascalheiras, em arribas e dunas, como os sítios da Foz da Ribeira de Morgavel, Caniceira e Forte do Pessegueiro, onde a proximidade do mar fornecia moluscos e peixe. As nascentes e ribeiras, água e caça.

Os instrumentos encontrados resultam do afeiçoamento, por vezes rude, de seixos para o tipo de utensílios necessários: bifaces, núcleos e raspadores, entre outros, utilizados, por exemplo, para cortar a carne ou raspar a pele dos animais caçadores. Mas tudo o que foi fabricado em materiais perecíveis, quer instrumentos, quer os próprios abrigos, em madeira, juncos ou peles de animais, entre outros, desapareceu à muito.

As comunidades de caçadores – recolectores perduraram até ao Paleolítico Superior (30 000 – 10 000 anos atrás), que marca o final do período glaciário, sendo visível uma evolução na tecnologia utilizada no fabrico de material lítico, como o quartzo e o sílex, encontradas na Praia do Norte e no cabo de Sines.

● NEOLITICO

As alterações climáticas, com o aumento das temperaturas, conduzem os grupos humanos a novas realidades, permitindo-lhes um novo controlo sobre a natureza. A sedentarização progressiva permite um gradual conhecimento do território e das suas ofertas. O domínio sobre as plantas e os animais conduz aos inícios da agricultura e da pastorícia, a par da caça e da recolção, favorecendo o estabelecimento efetivo de uma comunidade num local ao longo de todo o período Neolítico (V milénio- III milénio a.C.). Os povoados identificados como o da Palmeirinha) localizam-se em áreas planas e abertas, sem condições naturais de defesas, com vestígios de cabanas escavadas na areia, e lareiras, reflexo de uma comunidade já sedentária (como seriam também as de Vale Vistoso e Samouqueira).

Surgem novos instrumentos em pedra polida, como os machados indispensáveis ao abate das árvores que permitem a obtenção de combustível e a construção de habitações, ampliando os espaços agrícolas e de pastorícia, e as enxós e para o trabalho de madeira, persistindo os artefactos em pedra lascada.

A permanência das comunidades num local permite o desenvolvimento de novas técnicas como a produção de cerâmica, e ao aparecimento de novas ideias e rituais, materializadas, numa fase final deste período, na construção de grandes monumentos funerários como as antas (dolmens) ou de artefactos votivos como as placas de xisto. Seria o caso do chamado “Túmulo de São Torpes” situado na foz da ribeira da Junqueira, onde foram encontrados recipientes cerâmicos e um ídolo placa em xisto.

● CALCOLITICO

Os avanços tecnológicos iniciados no Neolítico levam a que nos inícios do III milénio a.C., durante o período Calcolítico, se assistam a algumas mudanças nos estabelecimentos humanos. A par da existência de lugares abertos, como Vale Pincel II e Vale Vistoso), surgem povoados com condições naturais de defesa (Monte Novo) sinal do aparecimento de conflitos, pelo domínio dos recursos naturais e do território.

Alguns utensílios continuam a ser fabricados em pedra polida sem grandes alterações técnicas, como os machados, as enxós e as mós, utilizadas para a moagem dos cereais. As formas cerâmicas diversificam-se, produto de novas necessidades, aparecendo as queijarias e os pesos para tear com forma de paralelepípedo ou crescente. Surgem também os primeiros indícios de metalurgia, cujo domínio técnico exige uma especialização e conduzirá à divisão social do trabalho.

A inumação em grandes sepulturas coletivas perdura, sendo alguns artefactos de uso quotidiano, como os machados e as enxós, utilizados no ritual funerário.

IDADE DO BRONZE

A idade do bronze, com inícios cerca de 1 500 a.C. é marcada pelo aparecimento da metalurgia do bronze. Alguns dos artefactos fabricados em pedra, como os machados ou os furadores, são agora também nesse metal, implicando uma maior produção e rentabilidade, chegando mesmo a funcionar como símbolos de prestígio e poder.

Os povoados do pessegueiro e da Quitéria localizam-se em áreas planas e abertas, junto de linhas de água, sem defesas naturais, sinal de pacificação possível graças a uma gradual organização estatal. As escavações revelaram lareiras, buracos de poste (para sustentação de habitações) e pavimentos lajeados. Estes povoados apresentam a característica rara de se encontrarem associados a necrópoles que se localizam nas proximidades.

Indícios de uma mudança de mentalidades, as inumações passam a ser individuais, embora integradas em monumentos mais vastos. As sepulturas apresentam forma retangular ou trapezoidal, limitadas por lajes dispostas na vertical cobertas por uma tampa de cistas – integradas em recintos pétreos – tumulus. O corpo era colocado em posição contraída, acompanhado por uma única peça cerâmica. Cada conjunto (cista e tumulus) podia integrar um monumento ao qual, os vários enterramentos agrupados dão a forma de um favo, característica própria das necrópoles de Sines (Quitéria, Provença e cemitério dos mouros / Pessegueiro), que se integra na categoria do Bronze do Sudoeste, com características mediterrânicas.

IDADE DO FERRO

As comunidades humanas adaptaram-se ao meio ambiente onde se localizam, explorando os recursos existentes consoante a tecnologia vigente: agricultura, caça, pesca, pastorícia, mineração, tecelagem..., introduzindo uma maior complexificação da sociedade. Desde muito cedo que os produtos são comercializados em redes de comércio locais, inseridas em outras mais vastas, nas quais além de produtos e artefactos circulam inovações, ideias e rituais, de influências continentais e mediterrânicas, assimiladas, em diferentes graus, pelas populações

indígenas.

A procura de estranho, minério raro no Mediterrâneo Oriental, fundamental para a fabricação do bronze, leva os fenícios a aventurarem-se no Atlântico até às Ilhas Britânicas, estabelecendo trocas comerciais ao longo da fachada atlântica, através da fundação de feitorias ou estabelecendo contactos com povoados locais. O litoral de Sines e a Ilha do Pessegueiro situam-se num dos eixos de escoamento dos minérios provenientes da faixa piritosa alentejana, podendo servir como pontos de escala da navegação. O minério seria trocado por produtos como cerâmicas e objetos de adorno, vinho, entre outros.

Testemunho da presença e das influências orientalizantes é o achado do tesouro do Gaio, recolhido em duas sepulturas, destruídas no decurso dos trabalhos de lavoura, e cuja tipologia das peças se poderá atribuir ao período orientalizante, datado do século VIII a.C.

ÉPOCA ROMANA

O período romano é um dos mais estudados da história de Sines. Com os romanos, o concelho define-se pela primeira vez como centro portuário e industrial. A baía de Sines, protegida das nortadas, é o porto da cidade de Miróbriga. O canal da Ilha do Pessegueiro é usado para funções portuárias e salga de peixe.

As duas oficinas de produção de conservas de peixe da época romana situadas no Largo João de Deus documentam a importância dos recursos marinhos na economia do aglomerado urbano que aí existiu há quase 2000 anos. Construídas no século I, por mão de obra certamente escrava, estas oficinas eram muradas e formadas por tanques que ladeavam um pátio aberto ao exterior. As salgas aí obtidas, em grande parte constituídas por sardinhas e cavalas, seriam embaladas em ânforas e, eventualmente, exportadas por via marítima para outras regiões do Império Romano.

A povoação romana de Sines seria essencialmente um local de trabalho, desenvolvido principalmente por escravos e libertos, ao contrário de Miróbriga (Santiago do Cacém), cidade virada em grande parte para lazer e

comércio, com o seu hipódromo, as suas termas e as numerosas lojas distribuídas pelas encostas da colina onde se erguia o forum.

O pescado, uma vez desembarcado, seria transportado até ao alto das arribas, onde se localizavam as oficinas de produção de conservas. Aqui, no pátio, o peixe seria descabeçado, limpo das vísceras e, seguidamente, introduzido nas salgadeiras juntamente com sal. Só ao fim de algumas semanas, a conserva se encontrava preparada. Era então introduzida em ânforas, recipientes em cerâmica, de forma alongada, providos de duas asas e com o fundo terminado em bico. A ânfora constituía a embalagem mais utilizada, durante a Época Romana, no comércio marítimo.

A testemunhar o comércio marítimo, que seria intenso na Sines romana, encontraram-se, através de escavações arqueológicas, numerosas cerâmicas finas, de mesa, oriundas de diversas e longínquas regiões do império romano, como o sul de Gália (sul de França), o vale do Ebro (Norte de Espanha), ou o Norte de África (atual Tunísia).

A escassos metros a norte da oficina sul do Largo João de Deus, as escavações puseram a descoberto um forno de cozer pão, datado do Baixo império, que integrava uma área habitacional. Esta assentou sobre os derrubes do estabelecimento de produção das salgas, que havia, entretanto, sido abandonado, pelo menos em parte, nos finais do século II. A esta segunda fase da história da ocupação do Largo pertencem ainda algumas lareiras de modestas habitações construídas sobre os entulhos formados no interior das cetárias após o seu abandono, bem como um muro que atravessou transversalmente a antiga oficina.

V●VISIGÓTICO E MOURO

A ocupação visigótica encontra-se referenciada na área adjacente ao Castelo de Sines, onde escavações arqueológicas revelaram vestígios de ocupação com materiais atribuíveis aos séculos V a VII d.C., e pela existência de três trientes, um dos quais datado do reinado de Sisebuto (612 – 621).

Contudo o grande conjunto de materiais deste período provém das muralhas e paredes do Castelo, e dos edifícios adjacentes, como a Igreja Matriz, de onde foram identificados e retirados numerosos elementos arquitetónicos típicos deste período: pilastras, frisos, ábacos, placas de cancela e um fragmento de mesa de altar, constituindo um dos maiores conjuntos do país. Lavradas em mármore de de “S. Brissos” apresentam uma tipologia decorativa bastante homogénea, com paralelos em Beja e Mérida, e deveriam pertencer a um mesmo edifício, certamente religioso, bastante importante.

O reaproveitamento de materiais de construção encontra-se bem patente nestas peças, algumas reaproveitam elementos arquitetónicos romanos e todas foram reutilizadas na construção de edifícios e pisos. No Castelo de Sines, bem como na Igreja Matriz, ainda é possível observar alguns destes elementos embutidos nas paredes, pavimentos e janelas.

O possível apogeu da Sines visigótica é cortada com a chegada dos Mouros no século seguinte. O Alcorão chega, mas não fica. No período árabe, Sines decai, podendo inclusivamente ter sido abandonada.

XIV●

1362● No dia 24 de novembro, é concedida, por D. Pedro I, carta de elevação de Sines a Vila. Com esta Carta Régia, os Sineenses independentes das ordens dos S. Tiago, e começando esta Vila a reger-se pelo seu próprio Foral.

XV●

1424● O Castelo foi construido de raiz.

1469● Nasce, presumivelmente na Alcáçova do Castelo, o navegador Vasco da Gama.

1486● O concelho de Sines, em 1362, abrangia Sines, Porto Covo, Vila Nova de Milfontes, Cercal do Alentejo e S. Luís. Estas três últimas terras foram desanexadas do Concelho de Sines em 1486, com a fundação do Concelho de Vila Nova de Milfontes

XVI

1512

Sines recebe foral manuelino (D. Manuel I)

1529

A Ermida da nossa senhora das Salas foi mandada reconstruir, por Vasco da Gama

XVII

1680

O Forte do Revelim está relacionado com outras fortalezas existentes na costa portuguesa. Esta construção estava destinada a proteger a Ribeira de ataques corsários

XVIII

1730

Sabe-se que no reinado de D. Pedro I se construiu uma Igreja Matriz de S. Salvador

1755

Estavamos a 1 de Novembro de 1755 quando se deu o terramoto

XIX

1834

As ordens religiosas são extintas e Sines deixa de pertencer à Ordem de Santiago

Dom Miguel parte de Sines para o exílio

1855

O municipio é extinto e integrado em Santiago do Cacém como freguesia de S. Salvador

É construido o actual cemitério da cidade

Início do ensino primário oficial em Sines, só para rapazes

1880

É construido o Farol

XX

1914

Restauração do concelho de Sines. Manuel Farelo é o primeiro presidente da Câmara.

Início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

1933

Início da instalação de luz electrica no Centro Urbano de Sines

O serviço telefónico é inaugurado, com dois telefones nos Correios e um terceiro no farol

O ensino primário estende-se a todo o concelho

1936

No dia 14 de Setembro, vindo do Barreiro, chega a Sines pela primeira vez o comboio

1940

Início da construção do depósito da água e dos trabalhos de canalização na vila

1944

Entra em funcionamento a rede de abastecimento de água na vila, mas apenas no atual centro histórico

1950

Inauguração do Bairro dos Pescadores

1951

Início da construção da rede de esgotos em Sines

1963

Abertura oficial do Parque de Campismo

1971

É criado o Gabinete da Área de Sines

1972

Abertura dos primeiros concursos para a execução de empreitadas na Área de Sines

Aprovação do Plano Geral da Área de Sines

Constituição da Companhia Nacional Petroquímica, pela Petrosul

1978

A refinaria e o porto industrial de Sines começam a operar

1981

É inauguração do Mercado Municipal

1982

Início do funcionamento da Estação de Tratamento de Águas Residuais

1984

Início do funcionamento da central térmica em Sines

Os citricultores de Santiago do Cacém queixam-se da destruição provocada nos seus pomares pela poluição atmosférica

A Comissão de Gestão do Ar entra em funcionamento

1986

Criação da Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

Extinção da Companhia Nacional Petroquímica

1987

Primeiro Encontro Sobre o Complexo de Sines

Derrame do petroleiro Nisa

1988

Acidente no Porto de Sines

1989

Acidente com o petroleiro Marão

É extinguido o Gabinete da Área de Sines

1991

●

A Câmara Municipal participa na Sociedade de Promoção e Gestão da Plataforma Industrial – Sines,

uma das organizações sucessoras do Gabinete da Área de Sines

1993

●

Reconfiguração da Refinaria de Sines

XXI

●

2004

●

Começa a operar o novo terminal de contentores

É inaugurado o Terminal de Gás Natural

2013

●

É inaugurada a terceira refinaria da Galp Energia

No artigo “A Indústria na Idade Média” de A. H. De Oliveira Marques adverte que

“se considerarmos a palavra indústria na sua aceção restrita de um conjunto de atividades transformadoras, implicando um projeto em larga escala (...), dificilmente podemos falar dela na Idade Média. Mas se por Indústria aceitarmos um conceito lato de toda a atividade que concorra para a transformação das matérias-primas e para a produção de riquezas, será então lícito estudá-la no período medieval, mesmo nas suas formas mais limitadas de artesanato.”

No entanto, o início da industrialização propriamente dita só aconteceu na segunda metade do século XVIII, originado por um conjunto de transformações tecnológicas nomeadamente o aperfeiçoamento da máquina a vapor por James Watt (1736-1819) e o tear mecânico de Edmund Cartwright (1743-1823). Assim, a revolução industrial conduziu à substituição do trabalho manual

pela maquinaria pesada, transformando o tecido produtivo e conseguindo ganhos substanciais de produtividade.

No entanto, é importante salientar que a atividade produtiva anterior à Revolução Industrial era artesanal e manual, onde os artesãos agrupados dividiam tarefas e organizavam etapas do processo, ou apenas um único elemento suportava toda a produção, desde a obtenção da matéria-prima até ao produto final. Com a revolução industrial, houve uma alteração do sistema produtivo, onde os trabalhadores perderam o controlo do processo, passando a haver uma relação entre o patrão e operário. O trabalho era agora realizado pela máquina, o operário era um operador deste meio de produção e por sua vez o patrão era quem controlava o processo de produção. Verificou-se assim, uma profunda alteração dos modelos de produção, com recurso à especialização do trabalho.

Desde os mais remotos tempos da história da humanidade que entre o território e o Homem existe um binómio interdisciplinar de relações que os tornou indissociáveis. Deste modo, a transformação das paisagens acompanha a evolução das relações entre o Homem e a Terra, bem como a sua evolução em função das transformações culturais. Neste sentido, o desenvolvimento industrial foi responsável por uma transformação radical do território urbano e rural, através da exploração de matérias-primas, do recurso a fontes energética, da construção de edifícios e da criação de redes de circulação. Assim, passou a existir uma paisagem marcada pela produção que foi sofrendo alterações paralelamente ao desenvolvimento técnico e económico e que possui um valor cultural e histórico, como reflexo da evolução humana.

O estudo destas atividades e dos condicionantes que as rodeiam, como os efeitos sociais e económicos, permitem-nos compreender o desenvolvimento



28 Fotografia de autor desconhecido da Baía de Sines.



29 Chaminés da Refinaria de Sines.

da Indústria em Portugal. No contexto português a industrialização ocorreu por volta de 1870, com cerca de um século de atraso relativamente aos principais países industrializados da Europa. Mesmo assim, a industrialização fez-se de forma lenta, condicionada por um débil desenvolvimento económico que registava fatores como: o défice de forças produtivas, a falta de capitais e a forte concorrência estrangeira.

No entanto, rapidamente a economia portuguesa evolui de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial, baseada na importância do sector terciário, onde o trabalho científico e a qualificação da mão de obra se vão sobrepondo ao tradicional trabalho manual desqualificado.

Com a evolução de um modelo mundial que suprime postos de trabalho, ao mesmo tempo que aumenta o volume e a qualidade de produção de mercadorias para um mercado globalizado e dominado por poucos, o mercado português, como pequeno mercado

aberto, encontrava-se muito exposto e sofreu de forma intensa o impacto da globalização. Assim, uma quantidade significativa de indústrias que se tinham desenvolvido, em sectores tradicionais, definharam e desapareceram de forma repentina.

No que diz respeito à transformação do território de Sines, no século XIX, assistiu-se a uma expansão descontrolada da malha urbana, fruto de um aumento da construção, de indústrias e de redes de circulação na cidade. Os complexos industriais ligados às indústrias tradicionais passaram a integrar núcleos de habitação e edifícios de apoio para albergar a crescente população operária.

A indústria foi em Sines um sector de atividade fundamental para o desenvolvimento de uma economia rural, abrindo perspetivas de modernização. No entanto, durante o século XX, e com a criação e desenvolvimento do complexo industrial de Sines, as indústrias tradicionais que se tinham instalado rapidamente desapareceram.

A obsolescência produtiva que é o produto da segmentação da produção e dos mercados, resultante da competitividade e racionalização da produção, impulsionada pela automatização da indústria, foi aqui determinante com o abandono das indústrias tradicionais e o investimento em indústrias ligadas à plataforma marítimo-comercial.

Deste modo, para melhor compreendermos a cidade de Sines, pretende-se analisar, com alguma profundidade, a génese de um processo de industrialização, num meio essencialmente rural, onde a ligação à terra e ao mar, desempenha um papel determinante na vida quotidiana destas populações.



30 31 32 Fotografias de alguns dos elementos que compõem o território de Sines.

As intervenções do homem no espaço que o rodeia, são historicamente datáveis em milhões de anos, sendo na sua maioria fruto de necessidades primárias de sobrevivência e subsistência num determinado meio ambiente. Por outro lado, existem também outros “atos de adaptação ao território”³, onde o homem revela uma análise do espaço que o rodeia, procurando explicações e formalizando uma linguagem através da construção que lhe permitisse uma melhor convivência consigo próprio, com os demais e com o universo.

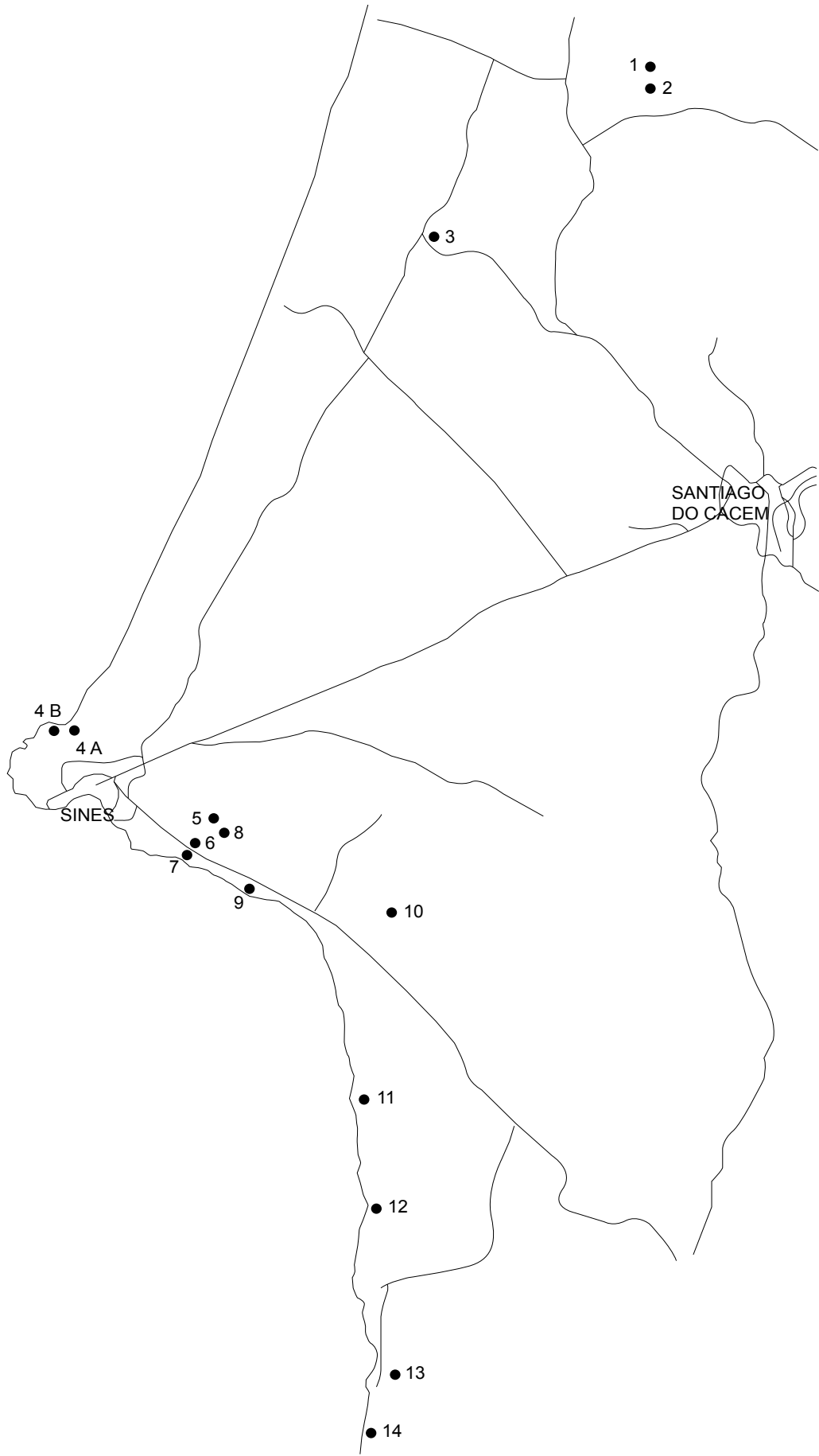
Em períodos mais distantes no tempo como no Neolítico, o carácter sedentário ou nómada é condicionado pelas forças da natureza, influenciando a atividade humana e refletindo-se na veneração religiosa. Também a forma e disposição, dos assentamentos humanos pré-históricos, numa fase primária de atividade agrícola, refletem através do seu caracter orgânico uma profunda ligação com o meio que os envolve. Mallaart⁴ escreve “a revolução agrícola foi o mais importante

progresso de sempre na tecnologia material da nossa espécie. Com o abastecimento regular de alimentos, e por vezes até excedentes, deu-se um aumento populacional e surgiram os primeiros centros urbanos.”

Os vestígios da presença humana em Sines vêm desde a Pré-história⁵, remontando os primeiros vestígios de povoamento à época do Paleolítico que se distribuem ao longo de uma estreita faixa litoral adjacente ao cabo de Sines. Os utensílios encontrados apontam no sentido de uma industria epipaleolítica microlaminar.

Já o período Mesolítico está representado por duas jazidas situadas a sul de Sines, sobre a falésia litoral. A escolha do local de implantação destes dois habitats, Vale Marim e Samouqueira, foi provavelmente de ordem económica, sendo que os recursos marítimos deveriam desempenhar um importante papel na alimentação dessas populações.

É neste sentido, que a arqueologia fornece uma vasta e preciosa informação, que os documentos escritos pela sua natureza não contém.



33 São assinalados todos os vestígios líticos no concelho de Sines.

- 1. Palhota
- 2. Salema
- 3. Areal
- 4A. Jazida da Praia do norte (A)
- 4B. Jazida da Praia do norte (B)
- 5. Monte Novo
- 6. Vale Píncel II
- 7. Vale Píncel I
- 8. Quitéria
- 9. Vale Marim
- 10. Provença
- 11. Jazidas da Praia da Oliveirinha
- 12. Jazidas da Praia da Samouqueira
- 13. Jazidas do Pessegueiro
- 14. Jazidas de Vale Vistoso

INDÚSTRIA
CONSERVEIRA
NA ÉPOCA
ROMANA

“A romanização manifestou-se em todo o território português por uma profunda transformação das paisagens e modos de viver.”

As formas urbanas iniciaram-se

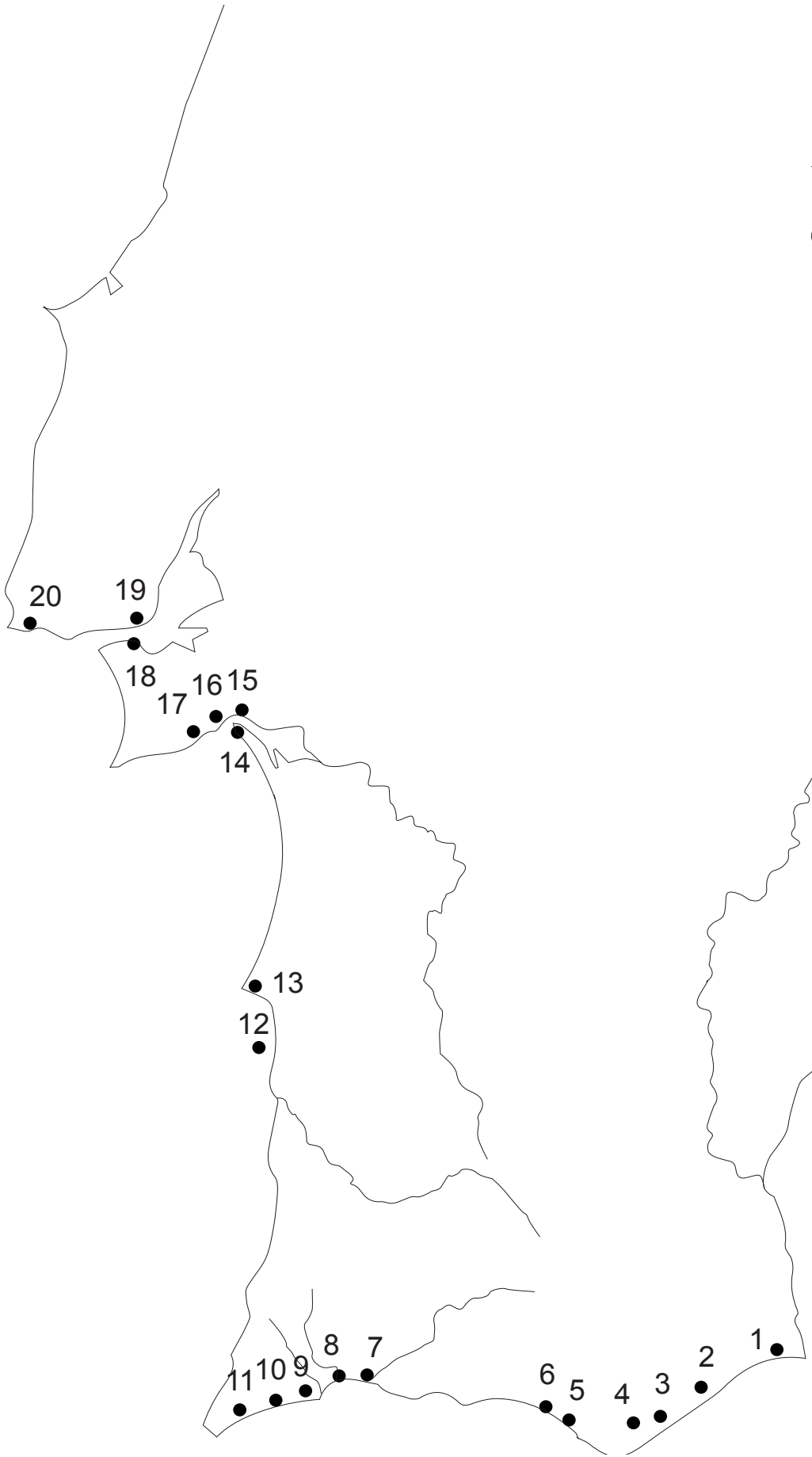
¹Orlando Ribeiro, Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, 1967.p.(...)

²Ópido (em latim: oppidum; plural: em latim: oppida) era o termo em latim para a principal povoação em qualquer área administrativa do Império Romano.

no território atualmente português em época-romana, consequente de contatos mediterrânicos que influenciaram o desenvolvimento dos antigos *oppida*¹ da fachada atlântica portuguesa. Deste modo, estes passavam a ser pontos de contato de rotas marítimas fluviais, essenciais para as trocas comerciais. Foi também com a romanização que se traçou uma rede de vias calcetadas e providas de marcos miliários e que surgiu o latim que veio substituir os falares indígenas e que facilitou o contacto entre as diferentes populações ibéricas; e foi também nesta altura que surgiram indústrias como: olarias, forjas, pedreiras, minas e salgas de peixe. Fruto destes moldes de uma produção regular, o território português permaneceu na orla dos grandes focos de irradiação cultural da

Portugal é caracterizado pela sua entidade geográfica atlântica, embora com múltiplas características mediterrâneas, como os geógrafos modernos sempre sublinharam, designadamente, Orlando Ribeiro “Portugal é mediterrâneo por natureza, atlântico por posição” (Ribeiro, 1986), reconhecendo uma condição de charneira entre dois mundos distintos assumida por este extremo ocidental da Península Ibérica. Os romanos também não tardaram a percebê-lo, sendo o primeiro povo estrangeiro a fazer de Sines um centro portuário e indústria. Com uma baía protegida de nortadas, o porto de Sines manifestou-se desde cedo, como um porto marítimo por excelência. Estas condições potenciaram o caracter marítimo da economia local, reforçado pela importância detida pela pesca e pela atividade transformadora de pescado.

Numa abordagem à economia antiga, podemos reconhecer que as trocas comerciais tiveram por base um âmbito institucional,



34 Localização de Sines (13) e da Ilha do Pessegueiro (12).

- São assinalados outros estabelecimentos romanos de produção de preparados piscícolas:
- 1 - Quinta do Muro (Vila Nova de Cacela);
 - 2 - Torre de Ares (Tavira);
 - 3 - Quinta do Marim (Olhão);
 - 4 - Olhão;
 - 5 - Quinta do Lago (Loulé);
 - 6 - Loulé Velho (Loulé);
 - 7 - Portimões (Portimão);
 - 8 - Vau (Portimão);
 - 9 - Lagos;
 - 10 - Praia da Luz (Lagos);
 - 11 - Boca do Rio (Vila do Bispo);
 - 14 - Tróia;
 - 15 - Setúbal;
 - 16 - Comenda (Setúbal);
 - 17 - Creiro (Setúbal);
 - 18 - Cacilhas (Almada);
 - 19 - Lisboa;
 - 20 - Cascais.



35 Testemunhos da época romana na área urbana de Sines:

- 1. Oficina A do Largo João de Deus;
- 2. Oficina B do Largo João de Deus;
- 3. Oficinas A e B da Rua Ramos da Costa;
- 4. Oficina C da Rua Ramos da Costa;
- 5. Oficina D da Rua Ramos da Costa;
- 6. Estrada do Castelo para a Praia;
- 7. vestígios sepulcrais na Praça Tomás Ribeiro.

de abastecimento à cidade de Roma e aos contingentes militares colocados nas fronteiras do Império, assistindo-se também a um comércio livre baseado numa complexa rede de trocas comerciais à escala interprovincial. Deste modo, os núcleos urbanos do litoral alentejano tiveram um importante papel neste sistema económico.

“São grandes os recursos que o mar oferece: sal, peixes (...) Combinando o sal e peixe, os povos antigos inventaram o peixe salgado e preparados complexos que usavam na culinária e na medicina. Deles nos falam os autores greco-latinos e os testemunhos arqueológicos. É certo que se não conhecem salinas romanas no território português, pois não deixam marcas significativas no terreno ou na paisagem, mas existem muitos vestígios das estruturas destinadas à preparação e produção de salgas e condimentos de peixe o que pressupõe a exploração de sal.”³

Para além de ter integrado esta atividade económica, Sines seria certamente o porto que servia “Miróbriga”² (Alarcão, 1988), cidade localizada apenas a 17km para o interior na atual freguesia de Santiago do Cacém. De acordo com António Martins Quaresma, a atual rua Teófilo Braga, equivalente ao eixo romano designado por *decumanus*⁴, era o “espaço económico de sociabilidade” e constituía o principal acesso à cidade de Miróbriga. Não existe qualquer troço de arruamento identificado, no entanto, a sua orientação é clara conduzindo à necrópole romana.

Durante a época romana, o centro histórico da cidade de Sines foi uma povoação portuária dedicada à produção de molhos de peixe e à salga do mesmo. Com efeito, até ao presente, foram identificadas no centro histórico, seis unidades fabris de preparados piscícolas e dois núcleos de preparados piscícolas. A técnica de construção da fábrica é simples e sem grandes detalhes

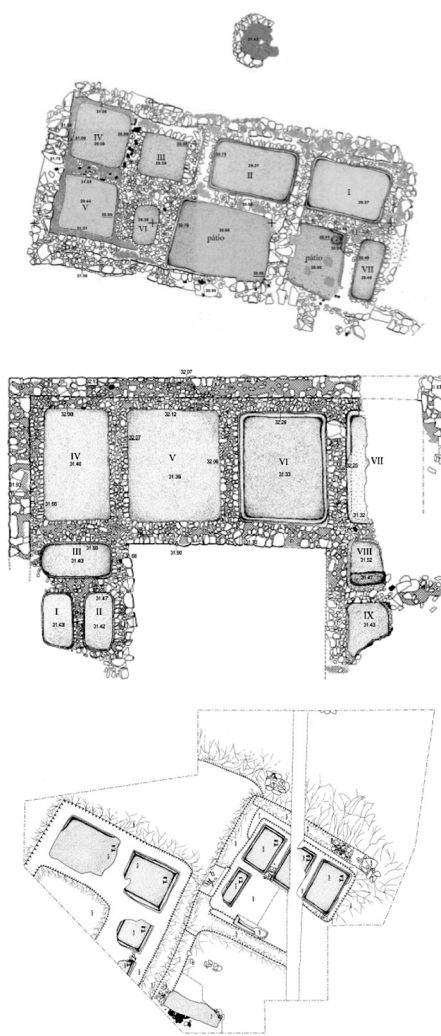
³Jorge Alarcão, Portugal Romano, 1997,p.34.

⁴Um decúmano (em latim: decumanus; plural: em latim: decumani) era uma rua ou via, orientada este-oeste nas povoações romanos, castros (acampamento militares), ou colónias.

arquitetónicos. Normalmente, era escavada no solo de base de areia ou rocha, para que os tanques tenham uma maior resistência à pressão. O material de construção utilizado eram blocos de pedra emparelhados, de maior ou menor dimensão, de acordo com a função a que se destina. A argamassa rica em cal e aliada à areia, destinava-se à impermeabilização dos tanques. No entanto, quanto ao porto, elemento importante para completar todo este quadro, é de localização desconhecida.

Podemos concluir que toda esta faixa escapou a fenómenos de assoreamento ou evolução geomorfológica, conservando até à atualidade as características favoráveis às atividades portuárias, permitindo que este local seja uma zona privilegiada de comunicação entre a terra e o meio aquático. As vantagens oferecidas pela litoralidade, foram fatores indissociáveis da formação e do desenvolvimento do centro proto-urbano de Sines.

Deste modo, é importante reforçar que os sítios e estações arqueológicas são vestígios objetivos do percurso histórico e das situações culturais do homem. Representam por isso mesmo uma presença cultural fundamental que precisa de ser preservada para o conhecimento e compreensão integral das sociedades.



36 Planta da Oficina A do Largo João de Deus / A Oficina A do Largo João de Deus após restauro pelo MAEDS e recuperação cultural pela Câmara Municipal de Sines.
37 Planta da Oficina B do Largo João de Deus / Vista de norte da Oficina B do Largo João de Deus.
38 Planta das Oficinas A e B e dos Compartimentos M19 e Q30 da Rua Ramos da Costa / Vista de nordeste da Oficina B da Rua Ramos da Costa.

A situação geográfica da vila de Sines atraiu a partir de 1887, a atenção de várias pessoas, principalmente industriais de cortiça, convencidos de que poderiam pelo porto de Sines, escoar os seus produtos. Contudo, Sines não tinha comunicações fáceis com qualquer estação de caminho de ferro, sendo a mais próxima localizada na cidade de Beja. Além disso, entre Beja e Sines estendia-se uma região agrícola rica, onde a produção de cortiça era muito abundante, nomeadamente nos concelhos de Santiago do Cacém e Ferreira do Alentejo.

A linha de alvalade que ligava Santiago do Cacém a Sines era um complemento natural à linha do Vale do Sado, na sua função de “servir a região mais rica em todo o país em produção de cortiça”⁴. Na verdade, enquanto a linha do Vale do Sado, ao aproximar-se de Grândola servia a parte da região constituída por este concelho, por meio da Linha de Alvalade a Sines iria ser servida a parte mais importante desta mesma região constituída

pela parte montanhosa do concelho de Santiago do Cacém. Estabelecidas estas duas linhas, a cortiça proveniente do leste e do extremo norte da Serra de Grândola seguiria para Lisboa, enquanto que a outra parte da cortiça proveniente do oeste da mesma Serra, seguiria pelo troço de Santiago do Cacém até Sines para alimentar as fábricas.

A indústria corticeira instalou-se em Sines no século XIX, com capitais inglesas. Em meados deste século operavam três fábricas, nas quais trabalhavam 72 operários. No final do século, instalaram-se os corticeiros catalãs, sendo que em 1908, operavam mais cinco fábricas com aproximadamente quatrocentos operários. E em 1911 o sector ocupava um terço da população ativa de Sines, sendo que no ano seguinte são criadas mais nove fábricas.

A existência de diversas indústrias implantadas no Alentejo relaciona-se com a origem geográfica das matérias-primas utilizadas e da sua proximidade de estradas

ou caminhos-de-ferro. Após 1974 houve um desmantelamento destas estruturas de produção e da comercialização desenvolvida até então em Sines.

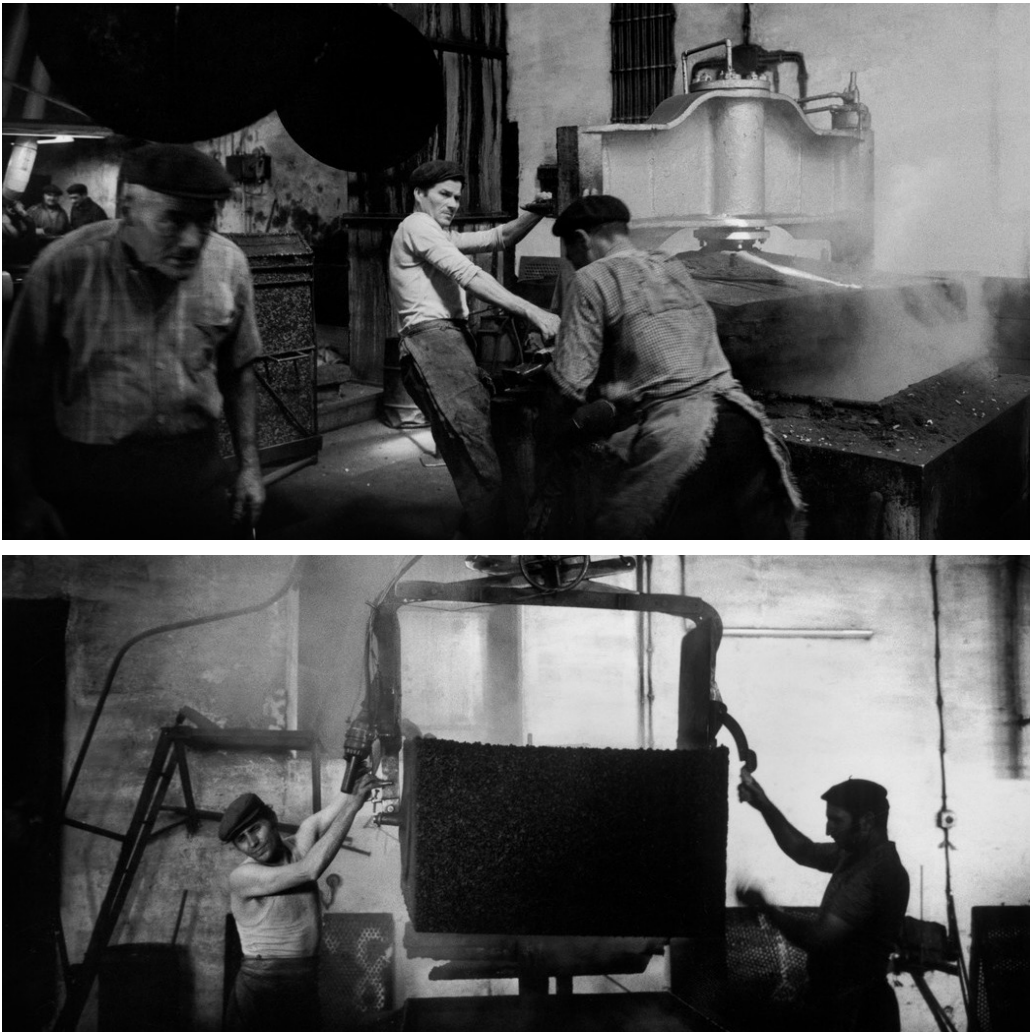
Esta tradição local de unidades produtoras de bens de consumo desenvolvidas neste ambiente ruralizado, fruto de uma disponibilidade de matéria-prima e de uma forte solidariedade comunitária e familiar, encontram-se apoiadas numa estrutura de povoamento disperso que constitui a base deste processo dinâmico de industrialização difusa. Nesta perspetiva, a tradição artesanal aliada a uma quase ausência de políticas de formação profissional fez com que prevalecesse um tecido industrial demasiado desarticulado em termos funcionais que mais tarde acabou por desaparecer.



39 Fotografia de Guy Le Querrec de três trabalhadores agrícolas a extrair cortiça perto de Portalegre (Portugal, Alto Alentejo, 5 de Agosto de 1974).



40 41 Fotografia de Guy Le Querrec da extração de cortiça perto de Portalegre (Portugal, Alto Alentejo, 5 de Agosto de 1974).



42 43 Fotografia de Guy Le Querrec de uma fábrica de cortiça situada na região do Alto Alentejo (Portugal, 5 de Agosto de 1974).

Durante séculos, a frente portuária de Sines encontrava-se aberta para a cidade, funcionando como um elemento de transição entre esta e a cidade. Contudo, com o passar do tempo o porto foi-se adaptando às necessidades que lhe eram impostas, que aliadas à tecnologia foram uma das principais razões responsáveis pela sua evolução.

O porto de Sines era sobretudo um porto de pesca, funcionando como porto exportador de cortiça e conservas de peixe. Estas duas atividades foram criadoras de riqueza produzindo um crescimento acelerado entre 1890 e 1900. No entanto, aliada a esta transformação industrial os portos sofreram alterações impostas pelo aparecimento de novos sistemas mecânicos, sendo que foi necessário proceder à ampliação de docas, da capacidade de armazenamento e da capacidade de escoamento.

Iniciou-se assim uma rutura entre a cidade e o porto, onde este deixa de ser um elemento de transição entre a cidade e a água,

transformando-se num elemento barreira que virado para as atividades portuárias acaba por esquecer o habitante. Esta divisão é acentuada através da construção massificada e da criação de autoestradas e linhas férreas. Assim sendo, os portos deixaram de ser os principais responsáveis pelo escoamento da produção, pois a concorrência foi aumentando por parte dos transportes motorizados e ferroviários.



44 Fotografia de autor e ano desconhecidos da
Fábrica de conserva de peixe Judice Fialbo,
Sines.



45 Fotografia de autor Maurício Abreu de ano desconhecido dos carregadores tradicionais de peixe no porto de pesca de Sines, Portugal.



46 Fotografia de autor e ano desconhecido, praia Vasco da Gama, Sines.

⁷Maria Esteves, *Teoria dos Pólos de Crescimento*, 1985, p. 133-148.

REESTRUTURAÇÃO
PRODUTIVA E
OS PÓLOS DE
CRESCIMENTO
EM SINES

Este capítulo aparece enquanto resposta à obsolescência dos sistemas produtivos. A “reestruturação produtiva” emergiu em Sines na década de 1970, com o projeto de criação de um pólo de crescimento económico, inserido no âmbito de uma tentativa de modernização da economia portuguesa.

A teoria dos pólos de crescimento foi formulada em 1955 por François Perroux e adotada pela primeira vez em Portugal em 1969/73, com o III Plano de Fomento em que são propostos cinco pólos: Braga-Guimarães, Covilhã, Torres Vedras, Évora e Faro-Olhão. Este plano surge como uma resposta à necessidade de corrigir desequilíbrios regionais de desenvolvimento, no entanto nenhum destes pólos foi realmente criado. Contudo, no início dos anos setenta nasce o pólo de Sines que apesar de não ter sido proposto no plano original nasceu como uma resposta às necessidades de transformação que se faziam sentir na economia portuguesa.

Perroux referiu-se pela primeira vez a esta teoria dizendo: “*O crescimento não emerge, simultaneamente, em toda a parte (...) aparece com relevância e com intensidade variável em pontos ou pólos de crescimento; difunde-se através de diferentes canais com efeitos terminais variáveis no conjunto da economia*”⁶. Neste âmbito Sines foi a única tentativa de criar em Portugal um pólo de crescimento.

Este projeto surge num período em que se assiste ao incremento dos tecnocratas no aparelho de Estado, a tecnocracia instala-se quando aumenta a autoridade ou poder dominante que os técnicos adquirem na sociedade industrial. Também é nesta altura que se verifica um movimento de internacionalização da economia portuguesa. O regime do condicionamento industrial e o corporativismo estavam a sofrer alterações e o mercado interno que tinha assumido nas décadas de cinquenta e sessenta um papel fundamental, vê-se agora confrontado com a progressiva abertura da economia portuguesa.

Deste modo, o projeto insere-se no âmbito da Nova Política Económica e Industrial do governo de Marcello Caetano, no sentido de facilitar a adesão dos empresários portugueses às novas realidades mundiais. É com o III Plano de Fomento 68/73, já acima referido, que se assume oficialmente a necessidade de corrigir progressivamente os desequilíbrios regionais do desenvolvimento, sendo a criação de um pólo de crescimento uma das formas de combate a esses desequilíbrios.

O Projeto de Sines é assim caracterizado por ser um pólo de desenvolvimento/ crescimento. Deste modo, foi proposta a criação de uma área concentrada de indústrias de base que iriam servir para o desenvolvimento do país, constituindo-se um pólo de desenvolvimento que serviria simultaneamente como instrumento de ordenamento do território, na medida em que pressupunha a criação de centros urbanos e o consequente aumento populacional.



47 Pipelines, Sines, 2016.



48 Fotografia de João Miguel Rodrigues de Setembro de 2011, no seguimento de uma reportagem sobre a refinaria de Sines. O objectivo era seguir o percurso que o crude efectua desde a chegada ao porto em navios de transporte de petróleo, até à saída pelos pipelines que conduzem os produtos já refinados aos diversos pontos de distribuição.

Por outro lado, este projeto industrial estava virado para o exterior, para o mercado internacional, na linha da Nova Política Industrial, como disse Patrício (1991) “*O Porto de Sines, concebido dentro da rota do Cabo e na continuação do fecho do canal de Suez ligava a industria de refinação e petroquímica à economia petrolífera mundial*”⁶. No entanto, estava patente uma necessidade de instalação do sector da industria básica, em grande dimensão, para que fosse conseguida uma diminuição dos custos de produção e por recorrência uma maior competitividade nos mercados internacionais.

O Projeto de Sines foi o maior complexo industrial integrado construído em Portugal, tendo Marcello Caetano escrito nas suas memórias, como referiu Teresa Patrício, que “o novo porto de Sines foi a grande realização do seu regime”⁷. Este projeto de criação de um pólo de crescimento económico em Sines, que se iniciou no início dos anos setenta, inseriu-se no âmbito de uma tentativa de

modernização da economia:

“*Com a subida de Marcelo Caetano ao poder, a burguesia industrial e a tecnocracia julgam ter chegado o momento oportuno para a superação conveniente da questão colonial e, assim, iniciar um processo nítido de abertura ao exterior, e em particular à Europa capitalista (...). Havia chegado o momento de “modernização.”*”⁸

No entanto, o encarecimento dos preços do petróleo em 1973, para um valor cerca de cinco vezes superior ao de 1971 e a mudança de regime politico em 25 de Abril de 1974, bem como a incapacidade em adaptar o projeto a novas realidades, inviabilizaram muitos dos objetivos que se pretendiam atingir.

⁶Sandra Patrício, *State-led industrialization and popular resistance: The Sines Industrial Project in Portugal, 1989*, p(...)

⁷Américo Ramos dos Santos, *Análise Social: vol. XIII, 1977*, p. 71.

⁸Teresa Patrício, *A Estratégia política e económica do Estado português num pelo de crescimento: Sociologia, Problemas e Práticas, 1991*, p(...).



A noção de tempo relaciona-se com o conceito de História e com as ideias de Passado, Presente e Futuro, sendo que é neste contexto que se pretende analisar a sua relação com a arquitetura, porque também esta é um testemunho da passagem de tempo, através do qual os objetos vão adquirindo uma memória e uma consciência que transpõe os limites do presente, procura as origens no passado e as projeções no futuro. Deste modo, também os aglomerados rurais e urbanos, são parte integrante de uma expressão concreta da ação temporal, a imagem da sobreposição dos tempos e o modo como a arquitetura assimilou e transmitiu os valores ao longo dos tempos.

É neste sentido, que nos últimos dois séculos, a valorização da ruína tem sido alvo de uma discussão que se estende para lá do interesse arqueológico ou da vontade de reabilitação, onde a ruína além de ser objeto de curiosidade histórica, possa também ser tema integrante de uma arquitetura contemporânea.

Para melhor compreendermos este “culto” contemporâneo da ruína, serão apresentados alguns dos principais contributos teóricos fundamentais para a compreensão deste tema.

Em 1945, Jonh Ruskin no seu livro “A Lâmpada da Memória”, é resolutivo quanto ao critério a partir do qual se julga o valor de uma obra. Para o autor o principal atributo é a idade, a sua capacidade de permanecer íntegra ao longo do tempo e de adquirir beleza ao sofrer os efeitos da passagem do tempo. No entanto, estas qualidade temporais e acidentais são incompatíveis com a restauração, a ruína acaba assim por ser um testemunho da idade, do envelhecimento e da memória, podendo nela estar expressa a essência de um monumento.

O culto às ruínas é expresso em todo o seu romantismo quando Ruskin propõe uma reflexão sobre as restaurações sobre a edificação onde as ruínas possuíam o encanto e mistério do que teriam sido num passado longínquo. Neste sentido, é necessária uma

distância cronológica para a valorização da antiguidade de uma obra, sendo que, apenas passados quinhentos séculos se vai perceber se o edifício tem capacidade de sobreviver a uma redução a um estado de ruína.

No entanto, não se espera que o edifício se mantenha intacto às intempéries e ao desgaste resultante da ação humana durante um longo período de tempo. Assim sendo, são apresentadas duas respostas possíveis em oposição ao restauro, a preservação do edifício ou a sua destruição caso seja incapaz de resistir ao passar do tempo. No entanto, com a sua deterioração em estado de ruína aparece a beleza da passagem do tempo, evidenciando a função mais nobre dessa obra, a idade.

Numa diferente perspetiva, na obra “Culto Moderno dos Monumentos” de Alois Riegl assiste-se a um aperfeiçoamento de alguma das ideias apresentadas por Ruskin relativamente à tutela e conservação dos monumentos históricos. Escrita em 1903, esta obra caracteriza-se como sendo um conjunto



50 Castelo de Sines, 2016.



51 Fotografia de Gastão de Brito e Silva, tirada a 9 de novembro de 2009 no Seixal. Vestígios de um cais, cujos alicerces marcam a presença de uma antiga fábrica.

de reflexões que se destinavam à reorganização da legislação de conservação dos monumentos históricos austríacos.

O autor organiza a obra em três capítulos, o primeiro é dedicado à evolução histórica dos monumentos e dos valores a ele atribuídos; o segundo aborda os valores da memória em contraste com o culto aos monumentos; o terceiro e último capítulo aborda os valores da contemporaneidade e a sua relação com o culto dos monumentos. Deste modo, é formada uma reflexão que consiste no valor conferido ao monumento e não no monumento em si, tratando-o como fruto de um evento histórico. Para Riegl um monumento é uma obra criada pelo homem com o intuito de preservar o presente, um evento histórico localizado no tempo e no espaço.

Deste modo, para o autor a eficácia estética do valor da antiguidade manifesta-se na descomposição gerada pela natureza, determinando como ação conservativa a não-intervenção. Assim sendo, as ruínas são uma

manifestação moderna de um ciclo natural a que todas as obras estão submetidas que deve ser apenas protegido de um fim precoce.

Por outro lado, existe sempre um prazer estático intrínseco na contemplação de um monumento que é completado com um conhecimento da época em que foi contruído e do estilo empregado. Este valor histórico provém do reconhecimento que os monumentos representam um estado único e particular no desenvolvimento de um domínio de criação humana, passando a ser reconhecidos como documentos históricos e devendo ser mantido o mais fiel possível em conformidade com o estado original. O autor acrescenta ainda que também o mais simples artefacto contém testemunhos do seu fabrico, dos materiais utilizados, das formas e das ideias que o originaram.

Menos de meio século depois da publicação da obra de Riegl as questões da intencionalidade do monumento e do valor da antiguidade são remontadas por

Albert Speer quando produz a “Teoria do Valor da Ruína” em 1934, publicando mais tarde a linha de raciocínio desta teoria nas memórias intituladas “Dentro do Terceiro Reich”. Depois de discutir a crença de Hitler no papel da arquitetura nazista como forma de transmitir o seu tempo e espírito para a posteridade, o autor constatou que a construção moderna não era adequada para formar uma “ponte de tradição” para as gerações futuras, não seriam capazes de comunicar todas essas inspirações heroicas que Hitler tanto admirava nos monumentos do passado. Deste modo, a sua teoria destinava-se a construir estruturas que mesmo depois de milhares de anos se assemelhariam aos modelos romanos.

É claro que para o autor a ruína ideal é do tipo clássico onde a decadência se encontra sintonizada com os ciclos da natureza, representado um estado de abandono prolongado, deteriorado e invadido pela natureza. Deste modo, era assumida uma

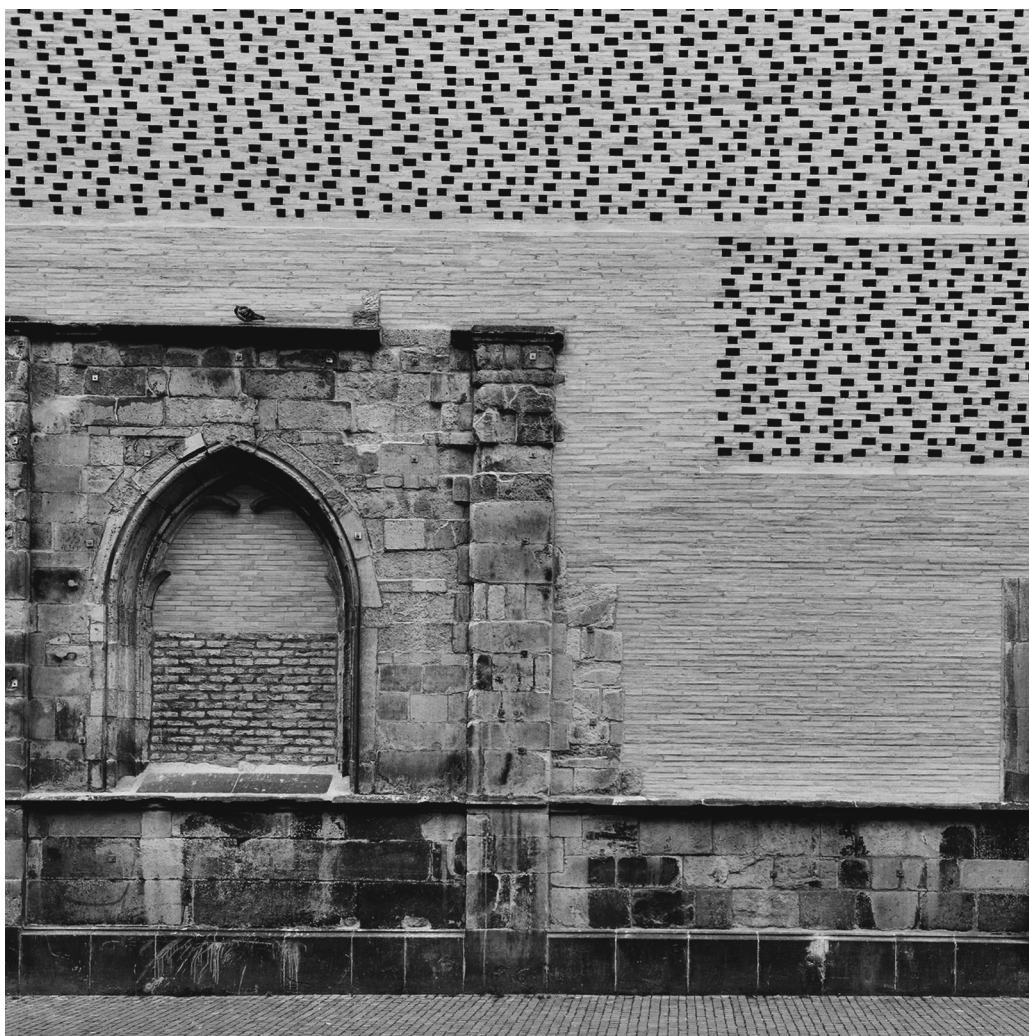
rutura com a ideologia construtiva da época e uma parcial negação do valor histórico, pois nem os materiais nem o método construtivo seriam representativos da época. Esta teoria foi ilustrada através de desenhos românticos onde se encontrava representado um estado de abandono, deteriorado e invadido pela natureza, onde embora os elementos individuais já não fossem identificáveis, o conjunto da obra seria facilmente reconhecível.

Nesta instância, verifica-se a tentativa de resolver um dilema semelhante ao de Ruskin, que achava que os edifícios deviam sobreviver aos seus construtores e chegar a gerações mais distantes, questionando o método de construção contemporâneo e levando a noção de tempo como quarta dimensão da arquitetura a um extremo.

Mais tarde em 1994, Bernard Tschumi no seu manifesto “Architecture and Transgression” publicado em “Architecture and Disjunction” explora dentro da arquitetura a relação do conceito enquanto produto desmaterializado



52 Fotografia da cidade alemã de Dresden fotografada em 1952, quando os trabalhadores removiam os detritos causados pelas bombas.



53 Fotografia do Museu Kolumba do arquiteto Peter Zumthor, Cologne, Alemanha.

da mente com a experiência produto da compreensão sensual produzida através do corpo. O autor argumenta que a fusão destes elementos implica um paradoxo, por ser impossível questionar simultaneamente a natureza de um espaço e experimentar um espaço real. Contudo, elementos paradoxais podem coexistir dentro de projetos arquitetônicos se as oposições forem negadas, porque a arquitetura é intrinsecamente transgressiva.

Tschumi critica o modernismo arquitetônico, em particular o funcionalismo, estabelecendo uma nova teoria de uma arquitetura transgressiva e erotizada que se situa entre o ideal e o real, transgredindo os limites ideológicos. É importante referir que a transgressão não significa a destruição dos códigos ou regras da arquitetura, mas sim a introdução de novas articulações entre o conceito e a experiência.

Neste sentido, uma determinada sociedade espera que a sua arquitetura reflita

os seus ideais e que subjugue os seus medos.

Segundo o autor, a angustia relativa à morte na arquitetura limita-se ao seu processo de decomposição, que embora torne a obra inaceitável oferece-lhe também a oportunidade de ser glorificada, transformando o espaço na memória dos traços do quotidiano gravados na forma construída. Deste modo, a arquitetura acaba por definir o seu próprio estilo e a sociedade em que se encontra.

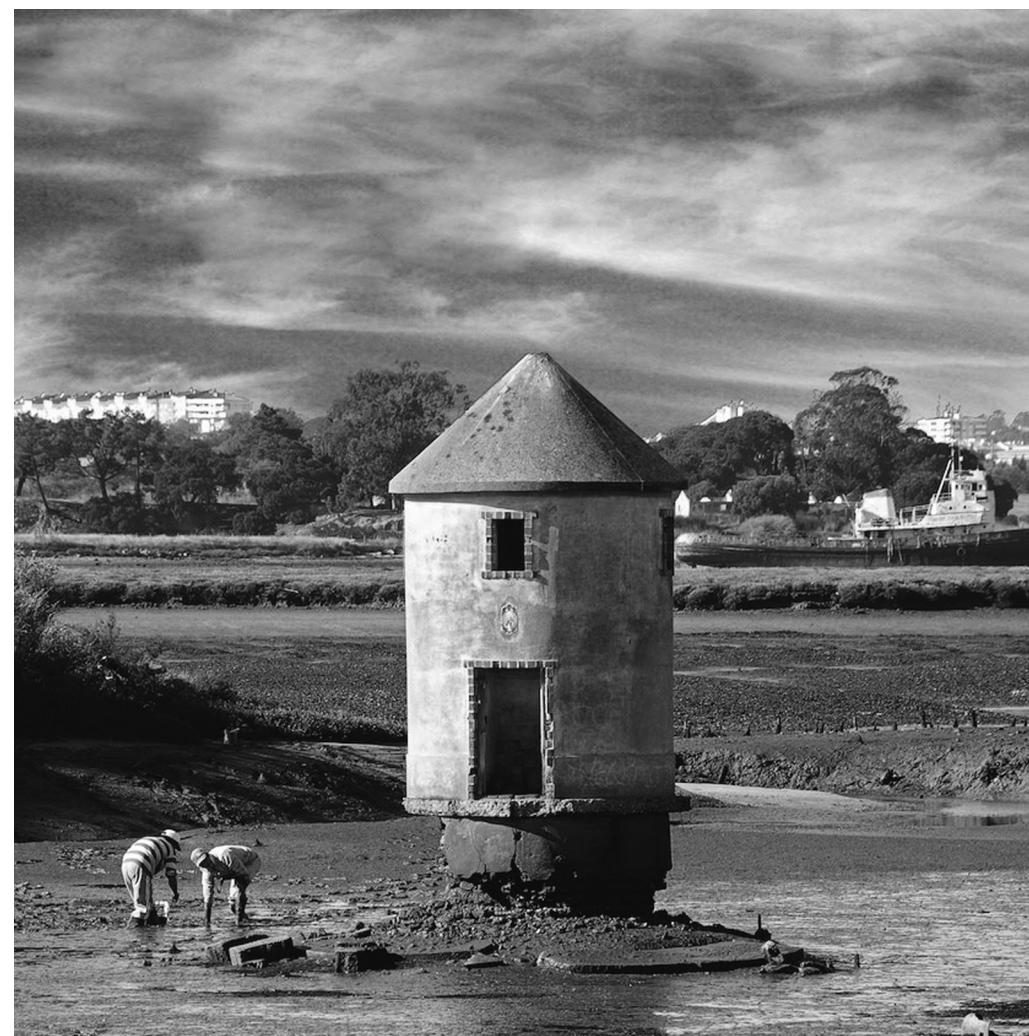
Neste sentido, conseguimos traçar uma relação entre Riegl e Tschumi no que diz respeito à valorização da antiguidade de uma obra. Em Riegl a vida encontra-se como parte integrante de um ciclo simbiótico no qual o Homem é ao mesmo tempo criador e parte integrante da natureza num processo contínuo, onde são valorizadas as marcas mais antigas sobre as mais recentes, a não ser que sejam fruto de uma ação natural. Deste modo, e para uma valorização mais adequada da obra é necessário um afastamento histórico com vista a uma valorização adequada da obra. Contudo

para Tschumi esta distância não existe, pois são características como o uso, o desgaste e a destruição que vão dar forma à nova obra. Outra questão comum aos dois atores é o tema da valorização do estado arruinado que se organiza em duas partes: a racionalização da deterioração de uma obra como um benefício para um projeto contemporâneo, fazendo convergir o espaço real e o espaço ideal e negando os limites impostos pela história. A segunda é o desgaste proveniente do usufruto como aspeto humanizador da arquitetura, onde são expostos os limites do estado de degradação de uma obra revelando a sua relação com o envelhecimento.

É importante ressaltar que o conhecimento destas perspetivas teóricas não procura uma contraposição ou separação entre os temas: reabilitação e preservação. Ainda que estas estratégias sejam normalmente contraditórias, não se pretende sugerir com esta análise a prática de uma delas em detrimento da outra, pois os seus objetivos podem ser partilhados.

Ao atribuírmos o valor de antiguidade a uma determinada obra e lhe darmos a capacidade de ser usufruída, através da conservação ou preservação, devolvemos-lhe a sua capacidade útil sem a modificar. Deste modo, se ao mesmo tempo que mantemos um monumento estável estruturalmente evitarmos a simulação de uma falsa antiguidade e aceitarmos o potencial narrativo e documental deste mesmo edifício, será possível ao mesmo tempo que se intervém no património manter o seu carácter intrínseco.

Por outro lado, segundo Rem Koolhaas, a preservação tende a tornar-se prospetiva, quer isto dizer que é anulado o período de tempo entre o que se constrói e o que se preserva. Esta ideia aliada a uma falta de manutenção proveniente da escassez económica ou interesse cultural, passa a estar presente na fase projetual uma necessidade de preservação que poderá ter uma abordagem semelhante à “Teoria do Valor da Ruína” de Albert Speer, onde a ideia de ruína estará



54 Fotografia de Gastão de Brito e Silva, tirada a 9 de novembro de 2009 no Seixal. Vestígios de um moinho de seca de bacalhau.



55 Fotografia de autor e ano desconhecidos retirada do blog "A terceira dimensão" do Museu do Vale do Côa dos arquitetos Camilo Rebelo e Tiago Pimentel.

presente no processo criativo de alguns projetos contemporâneos. Neste âmbito, numa conversa com Camilo Rebelo sobre o Museu Vale do Côa (2009), o arquiteto toca também nestas questões “considerámos que para pertencer àquele lugar era importante a construção em betão (...) Pode falhar por outras questões mas, por esta não falha de certeza... e um dia, se ele se arruinar, por não haver capacidade financeira para o manter, será uma ruína fantástica, uma vez que está integrada numa acrópole e permanecerá para sempre. Até porque, seria impossível recuperar a natureza do desenho do monte, consequência da forte escavação que foi realizada. Portanto, será preferível manter a estrutura do que tentar remove-la do território, pois seria uma manobra completamente faraónica.”

Concluindo, no seu essencial pretende-se analisar a realidade local e apresentar um modelo museológico, que contribua para o desenvolvimento do concelho de Sines através da salvaguarda patrimonial e de um serviço

social e cultural prestado a esta comunidade.

Deste modo, posicionamo-nos de forma a afirmar o património, memórias e identidades locais, como objetos de uma estratégia de preservação e divulgação, onde o projeto é desenvolvido como parte integrante da topografia existente, estabelecendo-se como onnipresente e intemporal.

Quando na linguagem corrente nos referimos a património, este surge ligado ao conceito de “herança”, um legado recebido dos antepassados que deverá ser transmitido aos seus descendentes.

Há cerca de dois séculos, na altura em que apareceu pela primeira noção de património ligado ao museu, o conceito era bastante restrito. Era então património, todos os vestígios da civilização material do Homem, todos os “restos de antiguidade”⁸.

Mas o conceito de património não pode ser entendido como simples vestígios, mas sim como um legado que é transmitido de uma geração para a seguinte. Deste modo, o património constitui a componente da cultura que é proveniente do passado, permitindo-nos afirmar que a identidade de uma sociedade é, até certo ponto, baseada no seu património. Reforçando este sentido, também Françoise Choay utilizou a expressão “*património histórico*”⁷ para designar um fundo, destinado ao usufruto de uma comunidade alargada e

constituído pela acumulação continua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado.

Assim, numa visão atual, o património necessita de ser entendido em todas as suas transversalidades, sendo que deverá assumir um papel de promoção de um desenvolvimento sustentado, recorrendo à memória coletiva, como recurso endógeno e reforçando essa mesma memória como geradora do desenvolvimento.

“O *Património (...) é uma sucessão de usos humanos do meio natural e social, e de valorações desses usos. (...) a referencia patrimonial (...) é o resultado de múltiplas, e muitas vezes contrárias, intervenções humanas.*”⁸

Deste modo, ao analisarmos a identidade das atividades desenvolvidas por esta comunidade ao longo dos tempos, estamos a proporcionar-lhe a oportunidade de conhecimento e apreensão de um património que a fez chegar ao presente. Ao restituir-lhe a sua herança patrimonial será possível

fortalecer a sua identidade histórica através de um olhar sobre o passado.

Neste sentido, pensou-se numa entidade museológica ligada ao passado e às atividades desenvolvidas. No entanto, caso se escolha a valorização deste recurso, esta opção pode pouco ou nada significar senão for construída uma estratégia integradora de todos os recursos locais, onde o património surgirá como uma estratégia inclusiva e sustentada para o desenvolvimento requerido. Ou seja, não basta apenas “mostrar” o património, o atrativo de cada oferta cultural depende do seu valor simbólico intangível, apreendido e comunicado. Uma oferta isolada tem pouca capacidade de sobreviver num denso mercado mediático de ofertas culturais, sendo conveniente integrar-se em pontos de um itinerário patrimonial.



56 Fotografia do último dos moinhos de vento em Sines, 2016. Entre 1922 e 1950 existiam 15 moinhos de vento e 15 moinhos de azenhas. A grande maioria dos moinhos e as fábricas de moagem pertenciam à família Pidwell. Esta família de origem Catalã detinha o monopólio industrial em Sines antes dos anos 70, dos quais se destacavam ainda fábricas de conserva e cortiça.



57 Fotografia de Gastão de Brito e Silva
a 6 de novembro de 2011 do Palácio
Pidwell em Sines.

De modo a preservar e valorizar este património tem, antes de mais, de ser catalogado para poder ser integrado num projeto museológico a grande escala. Após a requalificação e recuperação de todos os locais ligados ao passado industrial da cidade de Sines, pretende-se aproveitar o vasto espaço natural do concelho e interligar esta rede de núcleos museológicos com o objetivo de dinamizar este território.



20 Fevereiro de 1909, manifesto futurista de Filippo Tommaso Marinetti.

“Museus: cemitérios!... Idênticos, na verdade, pela sinistra promiscuidade de tantos corpos que não se conhecem. Museus: dormitórios públicos em que se descansa para sempre junto a seres odiados ou desconhecidos! Museus: absurdos matadouros de pintores e escultores, que se vão trucidando ferozmente a golpes de cores e linhas, ao longo das paredes disputadas!”⁹

Na sociedade ocidental, o museu afirmou-se como uma criação cultural urbana cuja função e importância foi desde sempre questionada, paralelamente à sua progressiva afirmação de lugar de cultura e conhecimento.

A história do museu moderno está intimamente ligada ao contexto social e político em que este surge, deste modo cada museu é, num certo sentido, único:

- um espaço no qual o “mundo” é exposto, ordenado e entendido;
- um espaço de difusão global de ideias e imagens.

“Hoje, um pouco por todo o mundo, os museus apresentam-se como a consequência de diferentes estruturas e narrativas, de valores estéticos e ideias críticas sobre o passado e sobre o presente. Além disso, os museus são também consequência de diferentes objetivos pedagógicos, sociais, culturais e políticos, induzidos por diferentes regimes e sistemas de valores.”¹⁰

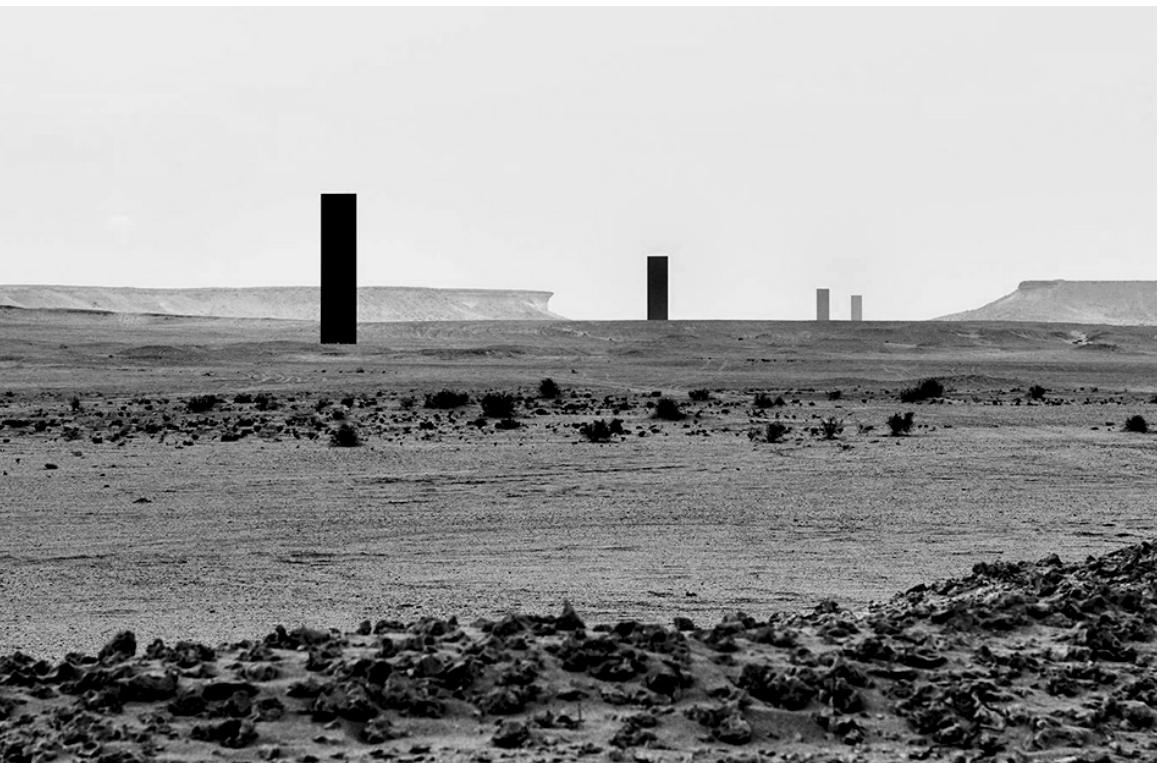
Assim, os museus vêem-se a tornar atualmente símbolos nacionais, através dos quais o país ou comunidade se pode exprimir. Na verdade, os museus são instituições culturais ou sociais, cuja evolução, embora influenciada por condições externas sociais e políticas, destina-se a fornecer à comunidade uma visão global do seu ambiente natural e da sua herança cultural.

É importante afirmar que o termo museologia, nesta dissertação, não é apenas entendido como ética, ciência ou a prática de recolher, preservar, pesquisar e exibir objetos de significado cultural, mas como

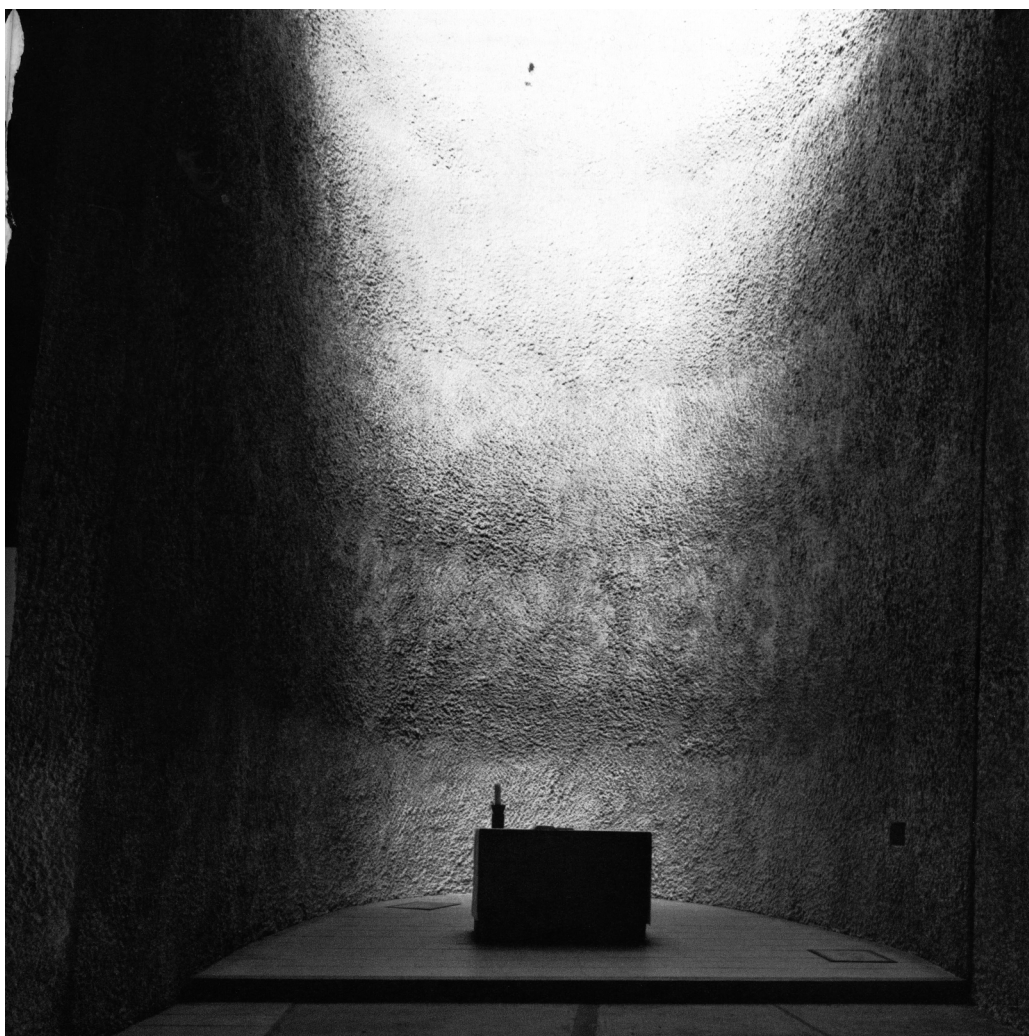
um processo através do qual o indivíduo e a sociedade se tornam cientes da sua evolução histórica através das vivências coletivas e da sua interação com o meio que as rodeia.

Neste caso, os “objetos museológicos” passam a ser entendidos para além de artefactos, como toda a envolvente natural e social pertencente a uma cultura, e que permite uma interação histórica e simbólica para facilitar o intercâmbio social e para criar um significado simbólico.

No entanto é importante frisar que um “objeto museológico” adquire importância quando lhe é atribuído um valor cultural, estético, histórico ou outro, deixando de estar integrado no seu contexto original e perdendo a sua ligação com as pessoas, assumindo um lugar de “objeto” integrante no acervo de um museu. Assim, se o objeto for tido em conta apenas por esta simbologia ou significado que lhe é atribuído, exposto apenas para contemplação, estaremos perante uma atitude minimalista do potencial de informação que



59 Fotografia de Adrian Gaut for the Wall Street Journal, 11.09.2015. A escultura Leste-Oeste / Oeste-Este pelo escultor Richard Serra.



60 Fotografia de ano desconhecido de Yukio Futagawa. Capela de Notre Dame du Haut de Le Corbusier, 1955.

este “objeto” pode transmitir. Deste modo, deve ser estabelecida uma relação direta entre o ser humano, enquanto sujeito que conhece; o “objeto”, enquanto bem cultural que integra uma realidade de que o ser humano é parte intrínseca; e um espaço, neste caso um museu enquanto lugar de diálogo e reflexão.

Deste modo pretende-se fazer uma reinterpretação do programa do museu, aprofundando o seu papel social e fortalecendo de forma estruturada e sistemática uma nova relação com a comunidade, não enquanto relação público /visitante, mas como participante ativo num processo museológico. Este museu será um “catalisador” ao serviço de uma comunidade permitindo uma leitura da história com várias perspetivas possíveis, contrariamente a um museu que transmite a verdade dos factos históricos sem outra possibilidade de leitura. Isto pressupõe que a comunidade irá desempenhar um papel central na ação museológica, assumindo estes locais como um local privilegiado para a produção e

comunicação dos conhecimentos.

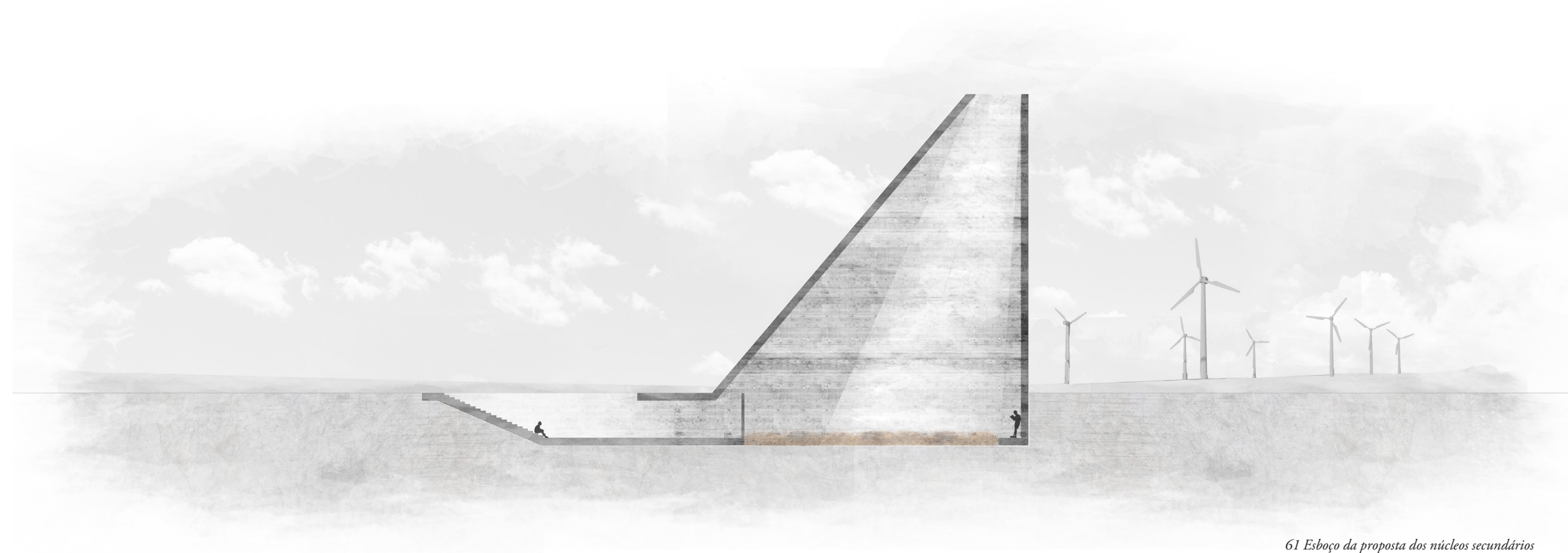
Este Museu não se irá limitar a um edifício, sendo um ponto de partida para a exploração de todo o concelho integrando-se numa rede museológica. O projeto desenvolvido será o espaço de receção e informação ao visitante que terá a possibilidade de iniciar o seu percurso pelo concelho de Sines, visitando os núcleos museológicos que irão ser integrados nesta rede cultural e patrimonial. Este circuito deverá englobar o património imóvel e equipamentos culturais, numa perspetiva de ocupação e evolução antropológica, aproveitando os recursos pré-existentes, tornando-os acessíveis e criando uma nova interação com o público, que permita uma interpretação individual ou em conjunto.

“Os museus” serão o abrigo que irá garantir a preservação dos traços culturais e históricos de um património intangível particularmente frágil. Deste modo, propõem-se ações que tirem proveito de pontos forte e potencialidades emergentes no território de

Sines.

Cada um destes núcleos será pensado de forma independente de maneira a que cada espaço tenha uma reposta distinta face à sua envolvente. Estes pretendem suscitar uma reflexão sobre a Paisagem como Arquitetura, tendo em conta a complexa relação que está sempre implícita entre elas.

Projetada através de um estudo da forma realizado através de dobras no cartão, criou-se um protótipo. Porém, é importante reforçar que cada núcleo deste museu se irá transformar num objeto de referência desta paisagem, já que pode ser visto de longe. Criou-se assim um conceito monolítico que se desenvolve com base em estruturas elementares que foram implantadas ao longo deste território.





NÚCLEO PRINCIPAL DO MUSEU DISSEMINADO

A cidade de Sines, onde os primeiros assentamentos remontam ao paleolítico, desenvolveu, sobretudo a partir do período de ocupação romana, uma expansão em direção ao mar que se tornou o ponto fulcral do seu desenvolvimento. Foi no topo da encosta voltada para o mar que se construiu o castelo, crescendo ao seu redor um núcleo habitacional onde se desenvolviam as principais atividades da comunidade pelo que integrava a Igreja Matriz e a Igreja da Misericórdia.

Desta forma, o projeto que se desenvolve por um percurso a meia encosta culmina na zona adjacente ao castelo que será reabilitada, criando uma ampla praça e um miradouro que proporciona ao visitante uma sensação de comunhão com toda a envolvente. A intervenção pretende também reabilitar as estações arqueológicas adjacentes ao castelo, visando a recuperação e respetiva musealização de um estabelecimento de fabrico de preparados piscícolas da época romana que data do século I.

Por outro lado, o Projeto aborda o desafio de criar um novo espaço multifuncional que simultaneamente sirva de fronteira e que sublinhe uma posição de pertença a esta cidade. Um passeio perimetral, aberto a vários níveis, onde se poderá desfrutar a dinâmica vida de Sines, conectando a parte alta com a parte baixa da cidade, através de um edifício. Pretende-se assim criar um todo, com uma sucessão de espaços abertos a atividades relacionadas com o museu, integrando o projeto na vida da cidade.

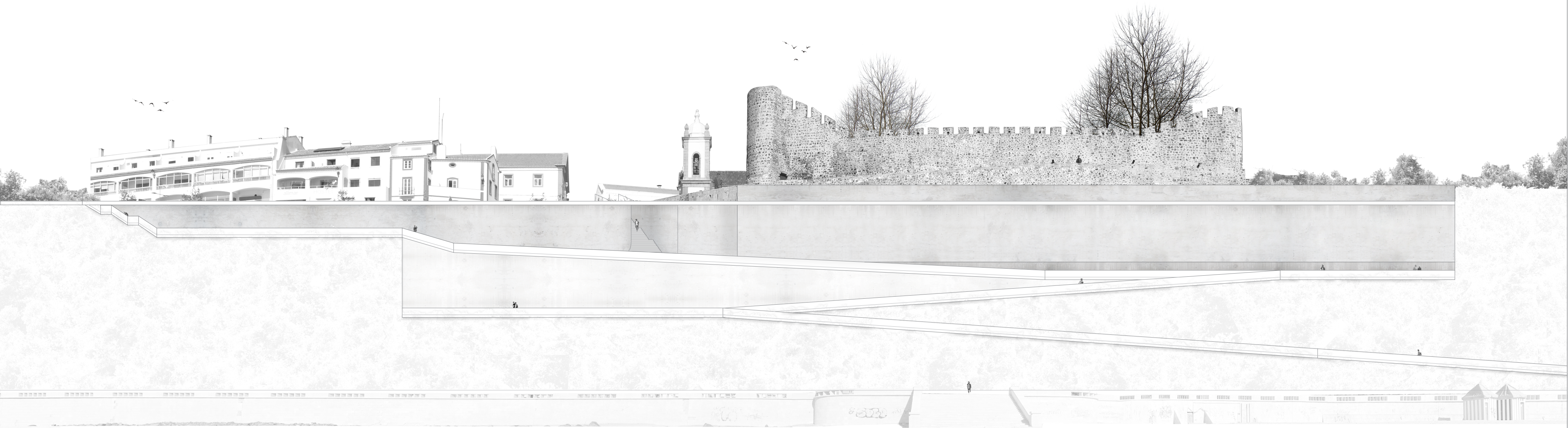
É importante referir que numa primeira fase o projeto foi desenhado para que a diferença de cotas se vencesse de forma vertical, embora mais tarde se tenha acabado por lhe dar um carácter mais horizontal, de modo a ser uma parte integrante desta encosta e desta renaturalização. Porém, o interior do edifício continua a tirar partido da verticalidade do espaço, essencial para a concretização deste programa, que integra esta característica como um elemento vital no



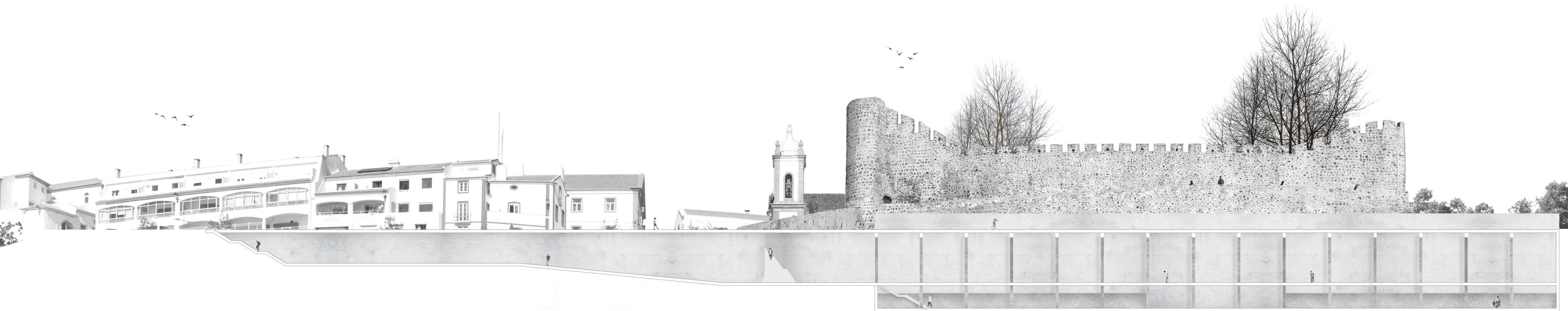


64 Estratégia, localização das intervenções.

a_ antiga calbeta / porto de pesca, embora seja considerado o melhor porto do Alentejo, não é fácil aportar em Sines, pelo que desde o século XVI existem projetos de engenheiros militares, como Alexandre Massat para a sua melhoria e ampliação.
b_ antiga fábrica de conservas
c_ igreja da Nossa Senhora das Salas
d_ Casa do Conde Bracial, residência de um dos maiores proprietários agrícolas da região
e_ Estabelecimento "A Primorosa" o desenvolvimento do porto de Sines em início do século XX aliado às indústrias transformadoras da cortiça e das conservas de peixe, está presente em alguns estabelecimentos comerciais.
f_ Igreja da Misericórdia
g_ Igreja Matriz
h_ Castelo D. Pedro I elevado Sines a vila no dia 24 de novembro de 1362, como contrapartida os seus habitantes tinham que continuar a construção das muralhas do Castelo
i_ Castelo D. Pedro I elevado Sines a vila no dia 24 de novembro de 1362, como contrapartida os seus habitantes tinham que continuar a construção das muralhas do Castelo
j_ "Adega de Sines" antiga adega datada do início do século XX, quando em Sines se produzia vinho em abundância, e o qual era comercializado neste estabelecimento









sistema expositivo.

Num primeiro momento esta ocupação será realizada através da criação de uma grande plataforma panorâmica que permite ao utilizador deparar-se com a incrível baía de Sines. Num segundo momento, este espaço irá irradiar para espaços subsequentes com múltiplos acessos, nomeadamente ao interior do edifício. Assim, surge a certa altura o acesso a um percurso descendente, que nos transporta de forma gradual de uma paisagem intensa e luminosa para uma realidade escura e interior, quase uma gruta, remetendo a um tempo primitivo.

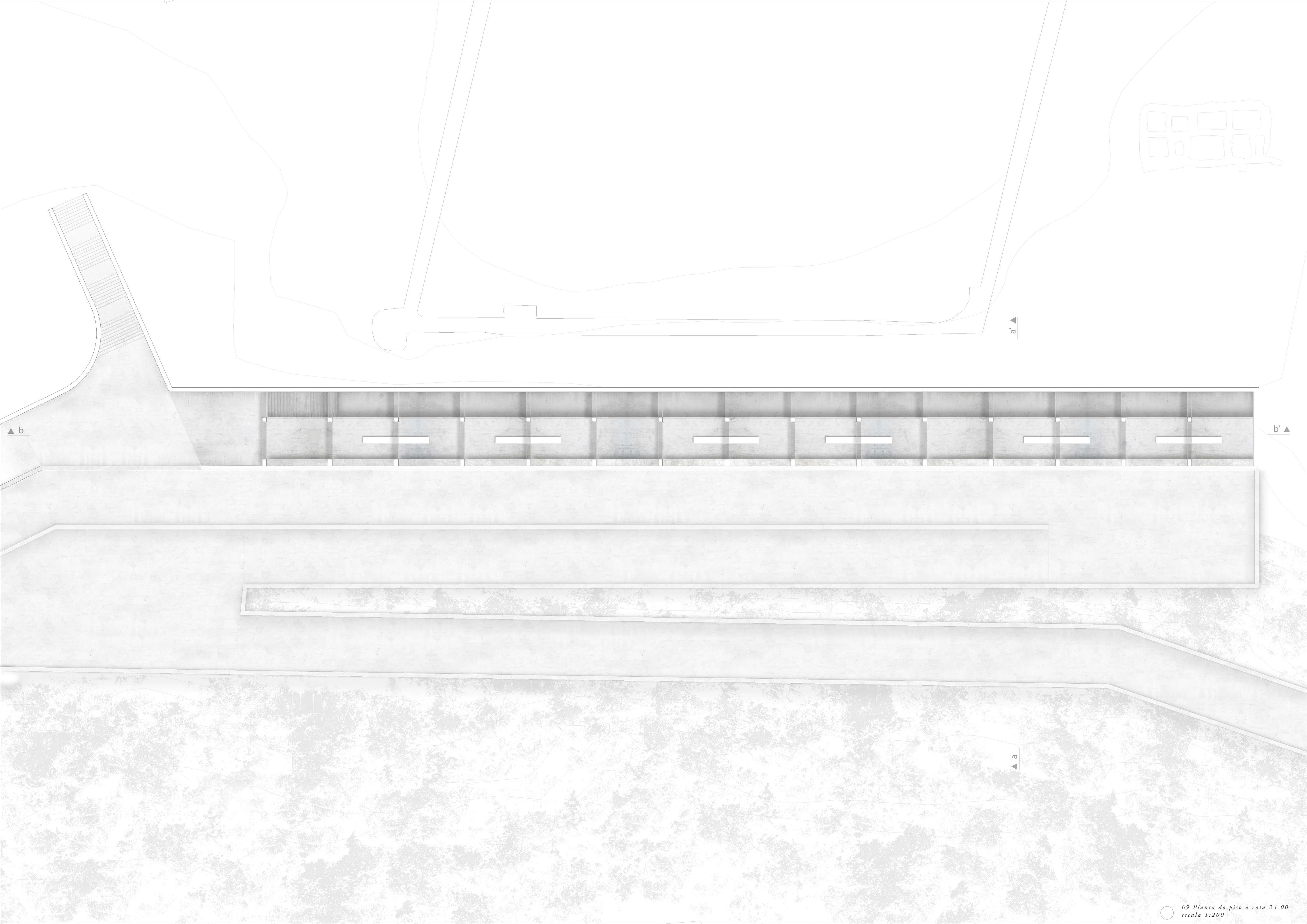
Deste modo é criado um projeto que pretende ser simultaneamente um espaço de coleção (de memórias, espólio), exposição e educação. O projeto ambiciona não ser tido em conta como um museu-objeto, mas sim como um núcleo de atração social e cultural que tenha uma importância à escala territorial. É de referir que a estratégia passa por criar uma zona de espaço público na cobertura

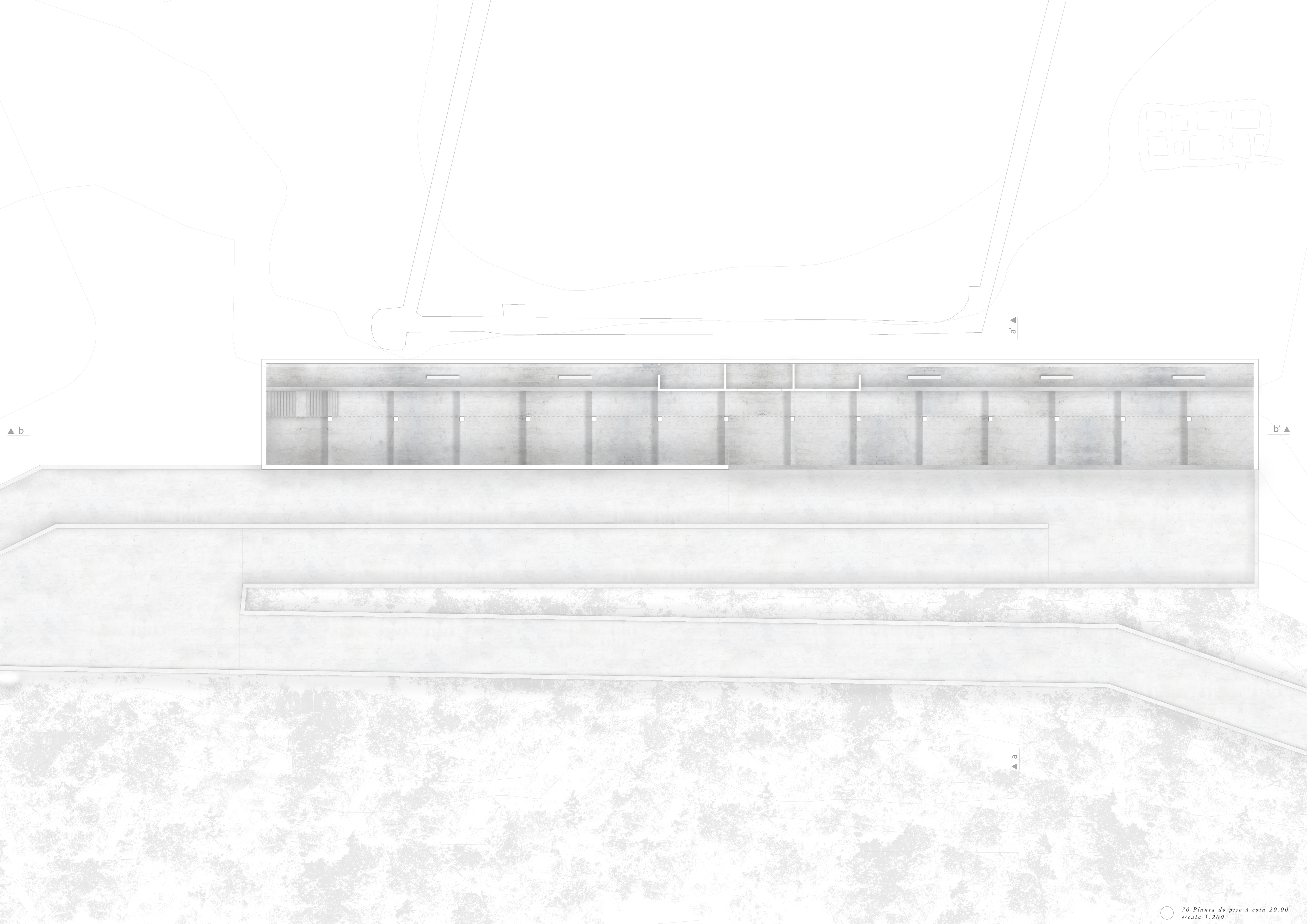
do edifício, estabelecendo vínculos com os edifícios envolventes e criando uma relação permeável no meio urbano.

Este museu, situado na encosta de Sines, em frente ao castelo, pretende ser, quer pela sua natureza tipológica, quer pela relação com a paisagem envolvente, um lugar que devolva à cidade a sua relação com o mar, criando uma dinâmica própria numa ambiência renovada.

A estratégia passa por criar um corpo que foi desenhado especificamente para este lugar. Assim, pretende-se ocupar a encosta, unificando num único projeto todas as intervenções possíveis e reatualizando todos os restantes espaços ao longo dessa encosta.

O Museu é dividido em 2 partes: o piso -1 com um carácter privado que se materializa numa área de trabalho constituída por um depósito vertical, onde ficam arquivados os principais achados e documentos, bem como por uma zona de recuperação e restauro; o piso -2 com um carácter público que se caracteriza por ser um museu e se consubstancia numa





área de exposição.

Relativamente à plasticidade da matéria do edifício consideraram-se três temas: a massa, a textura e a côr. Deste modo, optou-se pelo betão, pelas suas características plásticas e tectónicas, como sendo o material mais adequado para este projeto. Deste modo, estabelece-se um diálogo com a encosta onde se insere, conferindo-lhe uma nova silhueta que a irá complementar.

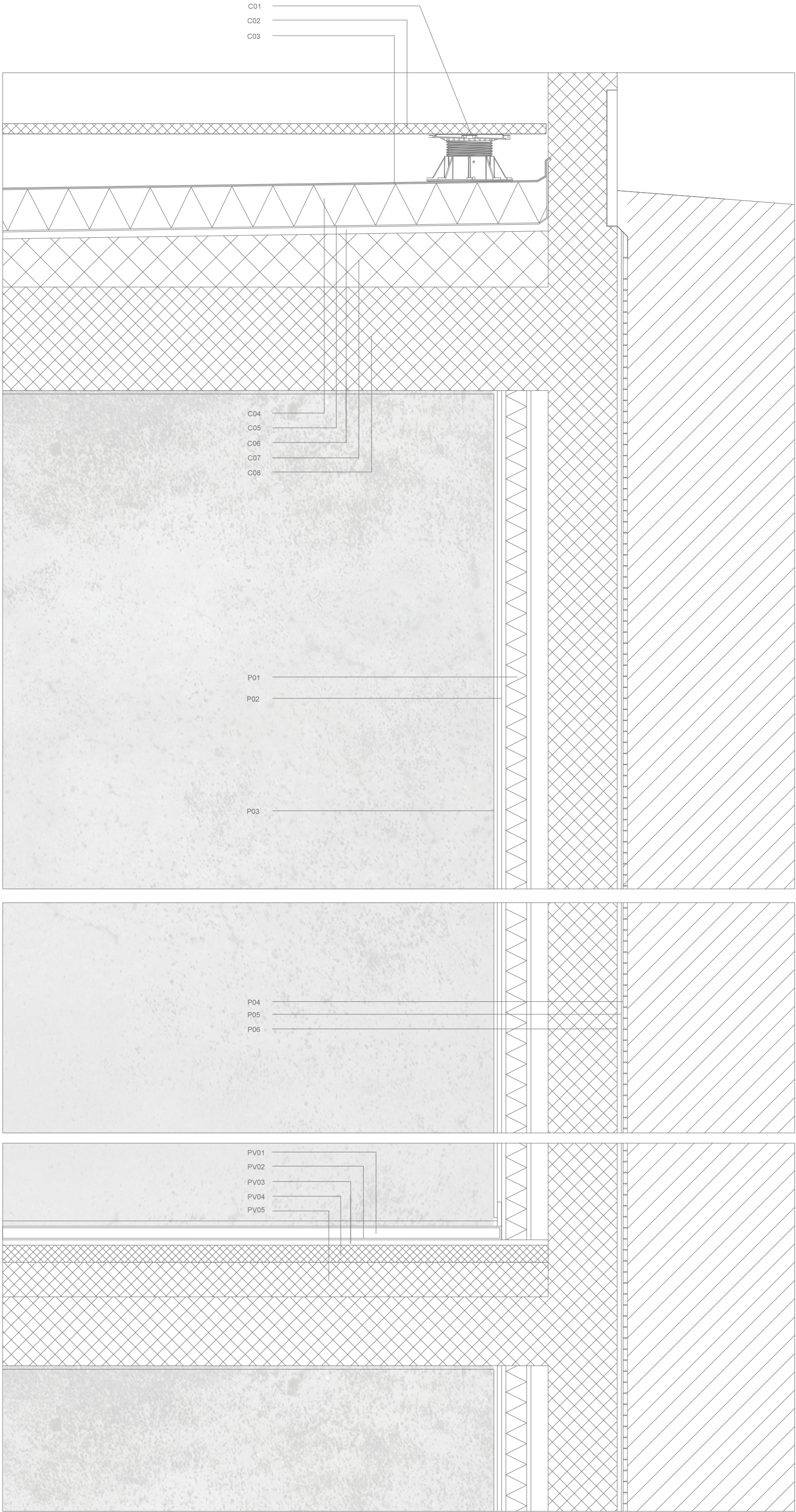
No que diz respeito às formas de climatização e tratamento de ar, optou-se por privilegiar a ventilação natural, assegurando de uma forma controlada o escoamento de ar exterior.

Foi ainda um fator decisivo o aproveitamento de luz natural na iluminação do interior do edifício. A luz e a sombra modelam os espaços, proporcionando ao visitante uma experiência de diferentes ambientes. A separação entre os diversos espaços não é uma separação física, mas advém das diferentes luminosidades apercebidas,

o que permite criar uma relação de maior cumplicidade entre o utente e o espaço.

É importante sublinhar ainda que o edifício contém uma dimensão física que engloba as propriedades ambientais como é o caso da luz, côr, temperatura, etc e uma dimensão social que transparece no programa, nas relações culturais e sociais, bem como nos padrões culturais e simbólicos. Deste modo, são todos estes elementos e as relações entre eles que constituem o ambiente arquitetónico.





72 Corte Construtivo à escala 1:11

COBERTURA:

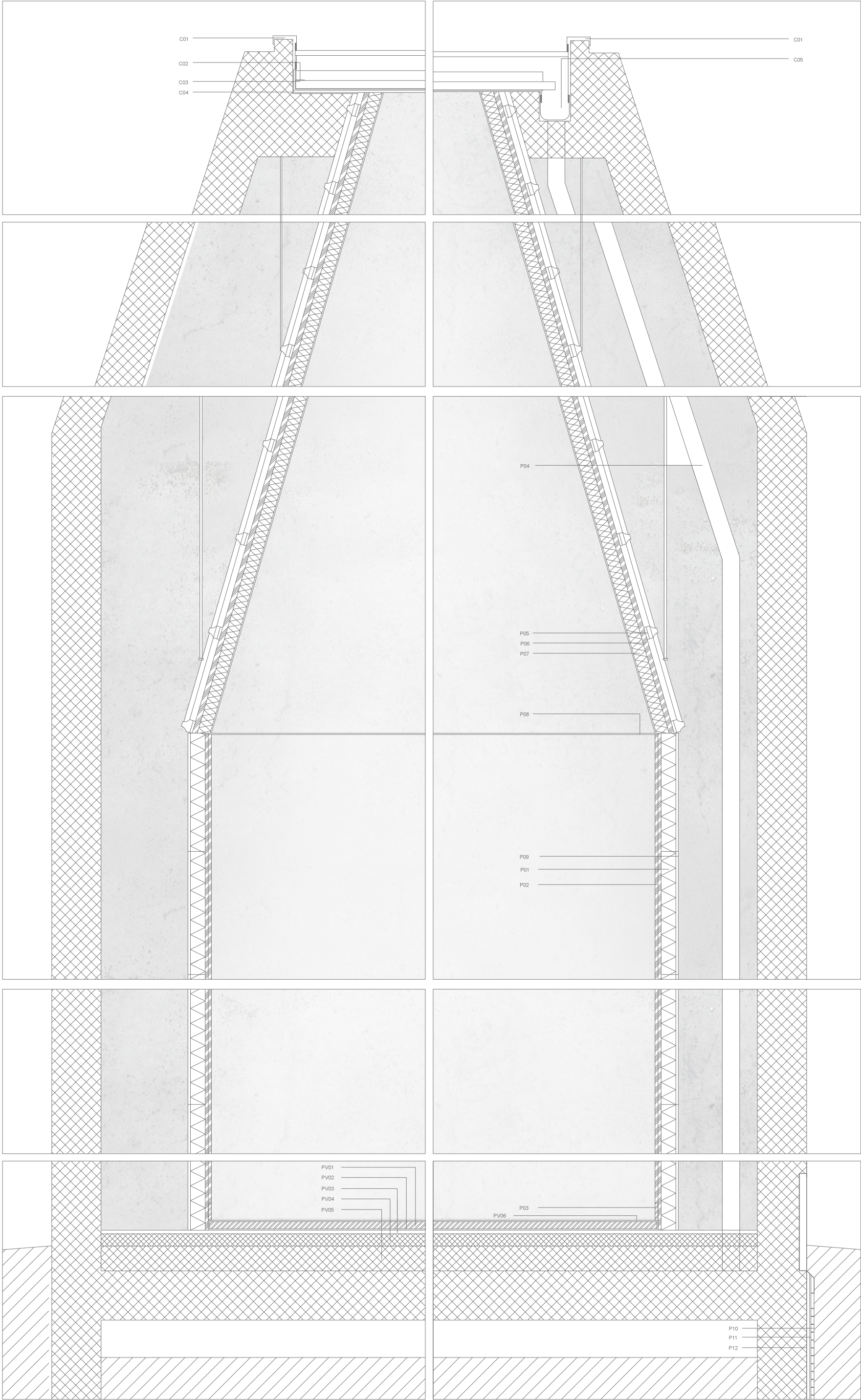
C01 _ Buzon Pedestal Internacional - DPH4
C02 _ Placas de Betão Pré-Fabricado 3000 mm x 1000 mm x 30 mm
C03 _ Tela de Impermeabilização tipo POLYSTER 40T 4 mm ESP.
C04 _ Lã-de-Rocha 100 mm ESP.
C05 _ Manta Protectora Geotêxtil em Polipropileno IMPERSP 150 4 mm ESP.
C06 _ Lâmina Derrante - Filme Polietileno Reticulado 20 mm ESP.
C07 _ Camada de Forma e de Regularização
C08 _ Betão Estrutural

PAREDE:

P01 _ Lã-de-Rocha 60 mm ESP.
P02 _ Placa Dupla de Gesso Cartonado tipo "KNAUFE" ou Equivalente 12,5 + 12,5 mm ESP. (Alta Densidade + Hidrofugo)
P03 _ Rodapé em mármore branco tipo "THASSOS" (60 mm ALT.)
P04 _ "ENKADRAIN" ou Equivalente
P05 _ Tela Asfáltica
P06 _ Argamassa de Regularização

PAVIMENTO:

PV01 _ Mármore 30 mm ESP.
PV02 _ Argamassa de Assentamento
PV03 _ Regularização
PV04 _ Betonilha Armada
PV05 _ Enchimento em Betão Leve



73 Corte Construtivo da proposta para os núcleos secundários do museu disseminado à escala 1:15

COBERTURA:

C01 _ Rufo de Zinco
C02 _ Cantoneira em Aço Inox 40 x 40 mm ESP
C03 _ Vidro Termoendurecido
C04 _ Perfil T com 80 x 80 mm ESP em Aço Inox
C05 _ Calceira em Zinco

PAREDE:

P01 _ Lá-de-Rocha 60 mm ESP
P02 _ Placa Dupla de Gesso Cartonado tipo "KNAUF" ou Equivalente 12,5 x 12,5 mm ESP (Alta Densidade + Hidrofugo)
P03 _ Rodapé em mármore branco tipo "THASSOS" (60 mm ALT.)
P04 _ Tubo de Queda
P05 _ Estrutura para Tecto Falso
P06 _ Gesso Cartonado 20 mm ESP
P07 _ Tecto Acústico Tipo "Baswaphon" ou Equivalente
P08 _ Albeta de 5 MM
P09 _ Perfis de Aço Galvanizado para Paredes de Gesso Cartonado tipo "KNAUF" ou Equivalente
P10 _ "ENKADRAIN" ou Equivalente
P11 _ Tela Asfáltica
P12 _ Argamassa de Regularização

PAVIMENTO:

PV01 _ Mármore 30 mm ESP
PV02 _ Argamassa de Assentamento
PV03 _ Regularização
PV04 _ Betonilha Armada
PV05 _ Enchimento em Betão Leve
PV06 _ Albeta de 5 MM

O trabalho realizado permitiu consolidar e desenvolver o plano de estudo a que me propus enquanto estudante de arquitetura.

Assim quando me foi atribuída esta proposta de trabalho, encarei-a como uma viagem no tempo, onde o espaço que tinha à minha frente, o “ponto de partida” é um resultado de vivência sucessivas que se uniformizam no presente. Uma ideia sem dúvida desafiante!

Na verdade, é importante compreender o espaço de intervenção não como um mero cenário, mas como um espaço de vivências, onde o arquiteto tem a difícil função de compreender os anseios de uma população e finalidade última de lhes restituir este território.

E assim começa um caminho de reflexão interior em que o projeto se transformou numa jornada, na qual conjuguei o meu crescimento pessoal e profissional com o estudo das transformações de um território através dos tempos para melhor compreender

o espaço atual e simultaneamente colocar esse conhecimento ao dispor de todos os visitantes. Penso ter atingido o meu objetivo de criar um espaço que ao mesmo tempo que conta uma história interage com quem o visita.

Concluindo, para mim um projeto é uma história e a história que pretendi contar tornou-se também minha, dado que qualquer história, mesmo factual, depende sempre da interpretação de quem a escreve e em dada altura deixamos de ser o narrador para sermos o personagem.

No entanto não foi minha intenção ser personagem principal, mas apenas figurante, no sentido que não pretendi que o programa que realizei apagasse tudo o resto, mas sim que conjugasse passados e vivências, integrado o projeto numa mescla de tempos e espaços.

Foi importante compreender que ao contrário do que normalmente se pensa, o arquiteto não detém o papel principal, não lhe cabe criar uma realidade alternativa mas sim dar continuidade ao pré-existente.

Aprendi ao longo deste trabalho que a arquitetura que quero desenvolver não é uma arquitetura disruptiva, pois essa não cria espaços de partilha com quem a habita. Diria mesmo que o que me atrai é desenvolver uma arquitetura em que possa criar lugares de conhecimento e onde todos se sintam bem-vindos, espaços que se integrem no todo envolvente e fiquem abertos à evolução.

Esse foi talvez o mais importante que aprendi ao longo deste trabalho, conceber o projeto não como um fim em si mesmo, mas como uma estrutura dinâmica, deixando pontos de possível desenvolvimento sem afetar o cerne da sua conceção.

1 Fotografia. Autoria própria.

2 ESA/NASA - *Sines*, [s.d.]. Disponível em <http://www.esa.int/spacelinimages/Images/2017/04/Sines>.

3 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Lisbon. 2005*, 2005. Disponível em <http://www.esa.int/spacelinimages/Images/2017/04/Sines>.

4 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Lisbon. 2004*, 2004. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74JMK5.html>.

5 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Extramadura. Nazare. 2005*, 2005. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74TOJ7.html>.

6 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Lisbon. 2004*, 2004. Disponível em [\[magnumphotos.com/Asset/-2TYRYDPM5JKG.html\]\(http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYDPM5JKG.html\).

7 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Beira Alta. Viseu. 2005. After a forest fire*, 2005. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74TVDP.html>.

8 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Alentejo. Evora. 2004*, 2004. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74JIEB.html>.

9 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Algarve. Tavira. 2005*, 2005. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74YDS9.html>.

10 GAUMY, Jean - *PORTUGAL. Barreiro. Industrial zone of Lisbon. 1975*, 1975. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2S5RYDULD5R.html>.](http://pro.</p></div><div data-bbox=)

11 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. 2005*, 2005. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYDDPOZNW.html>.

12 13 NASA GODDARD SPACE FLIGHT CENTER - *Portugal April 23, 2002*, 2002. Disponível em <http://www.gifex.com/images/0X0/2009-09-17-2414/Satellite-Image-Photo-of-Portugal.jpg>.

15 16 17 18 *Referência. Evolução de Sines*. planta 1:50000.

19 20 21 22 *Referência. Evolução de Sines*. planta 1:50000.

23 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Alentejo. Sines. 2004*, 2004. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74Q17X.html>.

24 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Alentejo. Sines. 2004*, 2004. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74QMV5.html>.

25 KOUDELKA, Josef - *PORTUGAL. Alentejo. Sines. 2005*, 2005. Disponível em <http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYD74YULR.html>.

26 Fotografia. Autoria própria.

27 Fotografia. Autoria própria.

28 Fotografia disponibilizada pelo Arquivo da C.M. de Sines.

29 Fotografia. Autoria própria.

30 31 32 Fotografias. Autoria própria.

33 Mapa. Autoria própria.

34	Mapa. Autoria própria.	<i>Portalegre. Monday 5th August, 1974</i> , 1974. Disponível em http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2S5RYDYPF2Y8.html .	ba3511ce-b1f6-4a96-a76c-f29b6708a66d-traditional-porters-of-fish-in-the-fishing-harbour-of-sines-po.	s1600/Ruin%27Art-946.jpg .	127
35	Ortofotomapa. Autoria própria.				
36 37 38	SILVA, C. T.; COELHO-SOARES, A. - Produção de preparados piscícolas na Sines romana. <i>Setúbal Arqueológica</i> . 13:2006.	42 QUERREC, Guy Le - <i>PORTUGAL. Alto Alentejo region. Portalegre. Cork factory. Monday 5th August, 1974</i> , 1974. Disponível em http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYDARIW9U.html .	46 Fotografia disponibilizada pelo Arquivo da C.M. de Sines.	52 AFP/Getty Images - <i>German city of Dresden</i> , 1952. Disponível em https://www.theguardian.com/cities/2015/dec/17/where-world-most-war-damaged-city#img-4 .	
39	QUERREC, Guy Le - <i>PORTUGAL. Alto Alentejo. Ouvriers agricoles de l'extraction du liège près de Portalegre. Monday 5th August, 1974</i> , 1974. Disponível em http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2S5RYDZL12ZT.htm .	43 QUERREC, Guy Le - <i>PORTUGAL. Alto Alentejo region. Portalegre. Cork factory. Monday 5th August, 1974</i> , 1974. Disponível em http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2TYRYDARXF05.html .	47 Fotografia. Autoria própria.	53 Fotografia de autoria desconhecida. Disponível em http://modernheritage.com.au/mhm/wp-content/uploads/2014/05/kolumba5.jpg .	
40	QUERREC, Guy Le - <i>PORTUGAL. Alto Alentejo. Extraction du liège près de Portalegre. Monday 5th August, 1974</i> , 1974. Disponível em http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2S5RYDIL359S.html .	44 Fotografia disponibilizada pelo Arquivo da C.M. de Sines.	48 RODRIGUES, João Miguel - <i>Refinaria de Sines</i> , 2011. Disponível em http://luz-da-manha.blogspot.pt/2011/09/refinaria-de-sines.html .	54 SILVA, Gastão de Brito e - <i>Moinho da seca do bacalhau - Seixal</i> , 2009. Disponível em http://2.bp.blogspot.com/_oAVNSvLP7WE/SxLAzx1-D4I/AAAAAAAAAhI/UdvDWHXTQDs/s1600/Ruin%27Art-6.jpg .	
41	QUERREC, Guy Le - <i>PORTUGAL. Alto Alentejo. Extraction du liège près de</i>	45 ABREU, Maurício - <i>Carregadores no porto de pesca de Sines, Portugal</i> . Disponível em http://www.imagesofportugal.net/-/stock-images/people-traditions/-/medias/	49 Fotografia. Autoria própria.	55 Fotografia de autoria desconhecida. Disponível em http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2013/11/foz-do-coa-museu-do-coa.html .	
			50 Fotografia. Autoria própria.		
			51 SILVA, Gastão de Brito e - <i>Fábrica da Seca de Bacalhau da Companhia Atlântica de Pesca - Seixal</i> , 2010. Disponível em http://2.bp.blogspot.com/_oAVNSvLP7WE/S-yJ3VJuu2I/AAAAAAAAACOk/oeJBon4vcmg/		

56 Fotografia. Autoria própria.

57 Fotografia. Autoria própria.

58 Fotografia de autoria desconhecida.
Disponível em <https://www.ren.pt/pt-PT/media/comunicados/detalhe/terminal-de-sines-com-recorde-de-navios-no-primeiro-trimestre-de-2017/>.

59 GAUT, Adrian - *The Reinvented Visions of Richard Serra*, 2015. Disponível em <https://www.wsj.com/articles/the-reinvented-visions-of-richard-serra-1446687924>.

60 FUTAGAWA, Yukio - *La Chapelle du Notre Dame du Haut - Le Corbusier*. Disponível em <https://circarq.files.wordpress.com/2014/01/corb7-1000x1519.jpg>.

61 Proposta de projeto. Esboço da proposta dos núcleos secundários do museu disseminado.

62 Proposta de projeto. Estratégia, localização das intervenções, corte 1 :5000.

63 Proposta de Projeto. Museu, ambiente da parte exterior do museu.

64 Proposta de projeto. Estratégia, localização das intervenções, corte 1 :2000.

65 Proposta de Projeto. Museu, planta 1:350.

66 Proposta de Projeto. Museu, corte transversal 1:300.

67 Proposta de Projeto. Museu, corte longitudinal 1:350.

68 Proposta de Projeto. Museu, ambiente dos rampas de acesso ao edifício vindo de oeste.

69 Proposta de Projeto. Museu, Planta

do piso à cota 24.00 à escala 1:200.

70 Proposta de Projeto. Museu, Planta do piso à cota 20.00 à escala 1:200.

71 Proposta de Projeto. Museu, ambiente do depósito vertical

72 Proposta de Projeto. Museu, corte construtivo 1:15.

73 Proposta de Projeto. Exemplo de um dos núcleos secundários do museu disseminado, corte construtivo 1:15.

ALARCÃO, Jorge de - Les monuments romains du Portugal. *Les Dossiers de l'Archéologie*. 4:1974.

ALARCAO, Jorge de - *Portugal romano*. Lisboa : Verbo, 1987.

ALARCÃO, Jorge de - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins : Europa-América, 1988.

ALARCÃO, Jorge de - A produção e a circulação dos produtos. In ALARCÃO, Jorge de Coord. *Portugal: das origens à romanização*. Lisboa : Editorial Presença, 1990.

ALARCÃO, Jorge de - As estradas romanas de Portugal. In *Encuentros sobre el Tajo: El Territorio y las Comunicaciones*. 3. ed. Madrid : Cuadernos de San Benito, 1992.

ANTUNES, F. L. - Algumas estações romanas nos arredores de Setúbal - estado

actual da questão. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C. Eds. *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa : Dom Quixote, 1996.

ARRUDA, Ana Margarida - Os núcleos urbanos litorais da Idade do Ferro no Algarve. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa : Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 1997.

AUGÉ, Marc - *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

AZEVEDO, João Lúcio de - *Épocas de Portugal económico*. Lisboa : Libreria Classica Editora de A.M. Texeira, 1947.

BACHELARD, Gaston - *A Poética do Espaço*. Paris : São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In *A Modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BENJAMIN, Walter; JENNINGS, Michael William - *The writer of modern life*. Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 2006.

BERMAN, Marshall - *All that is solid melts into air*. New York : Simon and Schuster, 2010.

BERTO, Al - *O medo*. Lisboa : Assírio e Alvim, 2005.

BLOT, Maria Luisa B. H. Pinheiro - *Os portos na origem dos centros urbanos*. Lisboa : Instituto Portugues de Arqueologia, 2003.

BLOT, Maria Luisa B. H. Pinheiro - Mar, Portos e Transportes no Alentejo. *Arquivo de Beja* (3ª Série), 7, 1998.

BUGALHÃO, Jacinta - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo : núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia, 2001.

CAFÉ, Daniel Calado - *Património, Identidade e Memória: Proposta para a criação do Museu do Território de Alcanena* [S.l.] : Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007 Mestre.

CALOU, Ângela Lima; MACIEL, Marta Maria Aragão - *Modernidade e Experiência em “Sobre Alguns Temas em Baudelaire” DE Walter Benjamin*. Disponível em WWW:<URL:https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/viewFile/230364/24523>.

CALVINO, Italo - *As Cidades Invisíveis*. Lisboa : Dom Quixote, 2015.

CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque; FERREIRA, Octávio da Veiga - *Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 6:1996).

CARVALHO, Alcídio Ferreira Torres de; SEQUEIRA, Lídia Ferreira - *Porto de Sines: Porta Atlântica da Europa*. Sines : APS-Administração do Porto, 2005.

CARVALHO, Manuel - Barragem de Foz Côa ameaça achado arqueológico. *Público*. 1994.

CASTELO-BRANCO, Fernando - Alguns aspectos da evolução do litoral português. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. 75:1957.

CHOAY, Françoise - *A alegoria do património*. São Paulo : Estação Liberdade, 2011.

CHOAY, Françoise - *Património e mundialização*. Évora : Licorne, 2005.

CORBUSIER, Le - *Plan Voisin de Paris for the Pavilion d'Esprit Nouveau at the Exhibition of Arts Decoratifs in Paris*. Reprinted Le Corbusier, 1929.

CUNHA, Claudia dos Reis e - Alois Riegl e “O culto moderno dos monumentos”. *Revista CPC*. 1:2 (2006). Disponível em WWW:<URL:http://usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_arti_arquivo_pdf/claudia_reis.pdf>.

DAVEAU, SUZANNE - Espaço e Tempo. Evolução do. Ambiente geográfico em Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *CLIO – Revista do centro de História da Universidade*

de Lisboa. 2:1980.

DESVALLÉES, A. - Le musée inversion de la vie. Le musées dans les systèmes éducatifs et culturels contemporains. In ADOTEVI, Stanislas Ed. *Vagues, une anthologie de la nouvelle museologie*. Mâcon : W et MNES, 1992.

DIAS, Fátima Sequeira - A civilização romana. As vias do comércio. In *Atlas de Arqueologia*. Lisboa : Edições Zairol, 1994.

DIOGO, A. M. D. - Ânforas romanas de Miróbriga. *Arquivo de Beja*. 10:3 (1999).

DIOGO, A. M. D.; COSTA, J. M. - Elementos sobre a produção de ânforas e a produção piscícola em Sines durante a época romana. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C. Eds. *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*.

Lisboa : Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, 1996.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L.; COSTA, J. M. - Marcas de Sigillata provenientes de Sines. *Vipasca*. 6:1997).

EDMONDSON, J C - Le garum en Lusitanie urbaine et rurale: Hiérarchies de demande et de production. In *Les villes de Lusitanie romaine*. Paris : Centre National de la Recherche Scientifique, 1990.

ESTEVES, Maria do Céu - Teoria dos pólos de crescimento. In *Desenvolvimento*. Lisboa : Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1985.

FABIÃO, C. - Garum na Lusitânia rural? Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve. In GORGES, J; FRÍAS, M. S. De Eds. *Les campagnes de Lusitanie romaine*. Madrid-Salamanca : Casa de

Velázquez, Universidad de Salamanca, 1994.

FABIÃO, C - *Lusitânia romana - entre o mito e a realidade*. Cascais : Centro Cultural de Cascais, 2009. Disponível em WWW:<URL:https://pt.scribd.com/document/262743924/Fabiao-Charneira-Do-Imperio>.

FELICIANO, JOSÉ FIALHO - Poder e Risco no Trabalho da Indústria Petrolífera: a refinaria de Sines 1978-1997. Lisboa : DEEP-MSST, 2003.

FERREIRA, Ocrávio da Veiga - Algumas considerações sobre as fábricas de conservas de peixe na antiguidade encontradas em Portugal. *Arquivo de Beja*. 23-24:1967).

FERREIRA, O. V.; LEITÃO, M. - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins : Europa-América, 1981.

FIGUEIRA, Jorge; MILHEIRO, Ana Vaz - O fim da fábrica, o início da ruína. In GARCÍA, B. et al ed. *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Barcelona : Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005.

FILIPE, Graça; RAPOSO, Jorge - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Seixal : Câmara Municipal, 1995.

GUIMARÃES, PAULO E. - *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960). Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa : Edições Colibri / CIDEHUS-UE, 2006.

JACOBS, Jane - *The death and life of great American cities*. New York : Modern Library, 2006.

KOOLHAAS, Rem - *Preservation is overtaking us*. New York : ColumbiaBooks on

Architecture and The City, 2016.

KOSHAR, RUDY - From monuments to traces. Berkeley : University of California Press, 2000.

LUCENA, K - Citação um website - Cite This For Me [Em linha], atual. 2007. Disponível em WWW:<URL:http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/4896/2819>.

MADEIRA, João - Os Corticeiros e o sindicalismo em Sines (1910 - 1914). *História*. 142:1991).

MACEDO, Jorge Borges de - *Problemas de história da indústria portuguesa no século XVIII*. Lisboa : Editorial Quercó, 1982.

MACEDO, Jorge Borges de - Comércio Externo na Idade Moderna. In SERRÃO, J. Dir. *Dicionário de História de Portugal*. Porto

: Livraria Figueirinhas, 1989.

MAGALHÃES, J. A. R. - A pesca e o sal. In MATTOSO, José Dir. *História de Portugal*. Lisboa : Círculo de Leitores, 1993.

MANTAS, Vasco - As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de Lusitanie Romaine. Talence, 1988*. Paris : Centre National de la Recherche Scientifique, 1990.

MARQUES, António Henrique de Oliveira - Indústria - na Idade Média. In SERRÃO, Joel Dir. *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa : Figueirinhas, 1981.

MARQUES, António Henrique de Oliveira - *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa : Presença, 1987.

MEDEIROS, Carlos Alberto - *Geografia de Portugal. Ambiente Natural e Ocupação Humana*. Lisboa : Editorial Estampa, 1987.

MELLAART, James - *The Neolithic of the Near East*. New York : Scribner, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm - *On the advantage and disadvantage of history for life*. Indianapolis : Hackett Pub. Co., 1980.

ORTEGOSA, S. - arqutextos 112.07: Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar (1) | vitruvius [Em linha], atual. 2009. Disponível em WWW:<URL:http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/10.112/30>.

PALLASMAA, Juhani - *The eyes of the skin*. Chichester : Wiley, 2014.

PATRÍCIO, M. T. M. S. - *State-led industrialization and popular resistance: The Sines Industrial Project in Portugal*. [S.l.] : ISCTE, 1989 Doutor.

PATRÍCIO, Maria Teresa - *A estratégia*

política e económica do estado português num polo de crescimento: o projecto industrial de Sines. Sociologia, Problemas e Práticas. 10:1991).

PATRÍCIO, Sandra - *O Licenciamento de Atividades Industriais nas décadas de 50-60 do século XX: o exemplo da indústria corticeira e do fabrico do pão*. Trabalho apresentado à cadeira curricular de mestrado Arquivos e Sistemas de Poder na Época Contemporânea, orientado pelo Prof. Doutor Paulo Eduardo Guimarães. [documento policopiado]. Évora: Universidade de Évora, 2008.

PATRICIO, Sandra - *Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 Part 2*. Sincense. 54:2010). [online] Available at: https://issuu.com/bmsines/docs/sincense54/7.

PERROUX, François - *Os Pólos de Crescimento*. In *A economia do século XX*. Lisboa : Livraria Moraes, 1964.

PIMENTEL, Cristina - *O sistema Museológico Português*. Lisboa : FCG, 2005.

RAMOS, P. de O. - Portos: Uma (Velha) História, um (Novo) Património. In *Pavilhão do Conhecimento dos Mares*. Lisboa : Edições Expo’ 98, 1998.

REBELO, C; PIMENTEL, Y - *Ciclo de Formação: construir em betão* [Em linha]. Porto : Ordem dos arquitetos (secção regional do norte), 2010. Disponível em: http://http://www.oasrn.org/construirem/uploads/areareservada/areareservada6/03.4de4_museu_coa_ficha_tecnica.pdf.

RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa : Livraria Sá da Costa Editora, 1987.

RIEGL, Alois; CHOAY, Françoise; WIECZOREK, Daniel - *Le culte moderne des monuments*. Paris : Seuil, 1984.

ROSSI, Aldo - *The architecture of the city*. Cambridge, Mass, [u.a.] : MIT Press, 2007.

ROSSI, Aldo; SCULLY, Vicent - *A scientific autobiography*. Cambridge, Mass. [u.a.] : MIT Press, 2010.

ROUANET, S. P. - As passagens de Paris. In *As razões do iluminismo*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

RUSKIN, John - *Las siete lámparas de la arquitectura*. Madrid : Stylos, 1987.

SANTOS, Américo Ramos dos - *Análise Social: vol. XIII*, 1977.

SCOBIE, Alexander - *Hitler’s state architecture*. Univ. Park [u.a.] : Pennsylvania State Univ. Pr., 1990.

SILVA, A. S. - *Um património para a nossa*

vida in Dossier Côa, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e Jornal O Público de 16-11-1995.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; DIAS, L. F. - Trabalhos arqueológicos na Ilha do Pessegueiro (1980). *Setúbal Arqueológica*. 6-7:1980-1981).

SILVA, C. T.; SOARES, J. - Pré-História da área de Sines. In *Trabalhos Arqueológicos de 1972-1977*. Lisboa : Gabinete da Área de Sines, 1981.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A. - Escavações arqueológicas na ilha do Pessegueiro. *Clio*. 4:1982).

SILVA, C. T.; SOARES, J.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. - Escavações Arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 1a Campanha (1981). *Arquivo de Beja*. 1:1984).

SILVA, C. T.; SOARES, J. - *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da costa Alentejana*. Lisboa : Instituto da Conservação da Natureza, 1993.

SILVA, C. T.; SOARES, J. - Os recursos marinhos nas estratégias de subsistência da Pré-História do Sul de Portugal. *Al-Madan*. 7:1998).

SILVA, C. T.; COELHO-SOARES, A. - Produção de preparados piscícolas na Sines romana. *Setúbal Arqueológica*. 13:2006).

SOARES, Joaquina - Museus de território na era da globalização. *O Arqueólogo Português*. 17:1999).

SOUZA, A. L. O. - *O Território, o Homem, e os Espaços*. Lisboa : UTL, Faculdade de Arquitectura e Núcleos Urbanos, Lisboa, 2000.

SPEER, Albert - *Inside the Third Reich*. New York : Ishi Press Int., 2009.

TÁVORA, Fernando Luís Cardoso Meneses de Tavares e - *Da organização do espaço*. Porto : FAUP publicações, 1996.

TINOCO, Alfredo - Crianças em Risco: A Museologia como instrumento Educacional. *Cadernos de Sociomuseologia*. 42:2012). Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2828>>.

TINOCO, ALFREDO - Material didáctico. In Trad. Seminário de Mestrado em Museologia. Lisboa : ULHT, 2007.

TORRES, Cláudio - Povoamento antigo do Baixo Alentejo. Alguns Problemas de Topografia Histórica. *Arqueologia Medieval*. 1:1992).

TSCHUMI, Bernard - *Architecture and disjunction*. Cambridge, Mass : MIT Press, 2001.

TSCHUMI, Bernard - *Architecture concepts*. New York : Rizzoli, 2012.

VERLINDEN, C. - Comércio Externo na Idade Moderna. In SERRÃO, J. Dir. *Dicionário de História de Portugal*. Porto : Livraria Figueirinhas, 1989.

VILHENA, António Jacinto Maria de - *Ramal de Sines ou linha férrea de Ermidas-Sado a S. Tiago de Cacém e Sines*. Lisboa : Sociedade Industrial de Tip, 1937.

Archaeology Wordsmith (2002). Disponível em WWW:<URL:https://archaeologywordsmith.com/lookup.php?terms=oppidum>.

Carta de Atenas (1931): Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos. Disponível em WWW:<URL:http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>.

Centros históricos: evolução de paradigmas e desafios futuros. [S.l.] : Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, [s.d.]. Disponível em WWW:<URL:http://docplayer.com.br/storage/28/12848106/1516903861/1uzT_RMMhKByfj-hMfc2Xw/12848106.pdf>.

Manifesto do Futurismo (Filippo Tommaso Marinetti, 1909) - [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:https://comaarte.

files.wordpress.com/2013/06/manifesto-do-futurismo.pdf>.

O pano da terra. (2018). Disponível em WWW:<URL:https://edicoes.up.pt/anexo/ficheiro/166/O_Pano_da_Terra__INTRODUCAO.pdf>.

Revista N.U. (2014). Memoria, #42 Abril de 2014, Coimbra, NUDA.

Significado de Fenomenologia. Disponível em WWW:<URL:https://www.significados.com.br/fenomenologia/>.